



Deus está presente na História



Pastora Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara Ágape

<https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html>

Deus está presente na História

(Período Intertestamentário, Selêucidas e Ptolomeus, Profecias de Daniel sobre o Apocalipse, A Grande Tribulação)



*Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico*

*Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo - SP - Brasil - Abril 2016*

Eu Te agradeço, Senhor, por me fazer ver que em Ti há justiça e que os Teus olhos estão sempre atentos aos Teus santos na terra.

Dedico este livro a todos os irmãos em Cristo que têm coração disposto a obedecer e uma boca ousada para proclamar a Sua verdade entre os homens.

“Então, olhando ele para os seus discípulos, disse-lhes: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus. Bem-aventurados vós, os que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, os que agora chorais, porque haveis de rir. Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu; pois dessa forma procederam seus pais com os profetas. Mas ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação. Ai de vós, os que estais agora fartos! Porque vireis a ter fome. Ai de vós, os que agora rides! Porque haveis de lamentar e chorar. Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas” (Lc 6: 20-26).

Índice

Introdução	6
Parte 1 – O domínio de nações sobre Israel no Período Intertestamentário	7
Parte 2 – Período Intertestamentário – Selêucidas e Ptolomeus	20
Parte 3 – Revelação de Daniel capítulo 11	43
Parte 4 – Profecias de Daniel – Apocalipse	55
Parte 5 – A Grande Tribulação	59

Notas:

- As palavras ou frases colocadas entre colchetes [] ou parêntesis (), em *itálico*, foram colocadas por mim, na maior parte das vezes, para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham [não estão em itálico].
- A versão evangélica aqui utilizada é a ‘Revista e Atualizada’ de João Ferreira de Almeida, 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil.
- NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).
- Fonte de pesquisa para textos e imagens: wikipedia.org
- Fonte de pesquisa para imagens: crystalinks.com
- E-mail: msearaagape@gmail.com

Introdução

Este é um estudo sobre o Período Intertestamentário, também chamado de período de ‘silêncio de Deus’, que foi o período entre Malaquias e Cristo, quando Ele deixou de falar com a humanidade por quase quatrocentos anos através dos profetas, por causa da rebeldia do Seu povo e da idolatria das nações pagãs, que também contribuíam para o endurecimento de coração dos Israelitas. Com o início do Império Romano, sob o reinado de César Augusto, não somente Israel, mas todo o mundo daquela época sofreu uma grande transformação. Foi durante o reinado de César Augusto (27 AC-14 DC) que Jesus nasceu trazendo a luz que a humanidade necessitava para se libertar da escravidão espiritual à qual estava presa.

Logo após, o Senhor me chamou a atenção para uma profecia muito importante de Daniel (Dn 11: 1-45), quando o profeta menciona os reis do norte e do sul, se referindo a um futuro próximo, quando outros reinos tomariam o lugar da Babilônia: a Pérsia, a Grécia e, por fim, Roma. Mas sua profecia também dizia respeito a tempos longínquos, ao Apocalipse, o que mais tarde foi confirmado pelo apóstolo João, pois nesta fase da História, o domínio Romano já estava presente e Deus já podia dar mais revelações a nós através do Seu discípulo.

Seguindo a seqüência do Período Intertestamentário, falaremos então sobre o período Helenístico, que teve início com Alexandre, o Grande, da Macedônia, e a divisão do império após sua morte, entre seus quatro generais. Entretanto, os dois principais impérios e povos que mais interessam para o nosso estudo e, logicamente, para a profecia de Daniel, são os reis do Norte e do Sul (dinastias Ptolomaica e Selêucida), ou seja, Egípcios e Sírios, pois os dois impérios tiveram grande domínio e influência sobre Israel. Conhecendo a história dos personagens daquela época, nós estamos prontos para entender a profecia de Daniel 11: 1-45 e muito mais: o que acontecerá com a humanidade nos tempos do fim, ou seja, no período da Grande Tribulação e do arrebatamento da igreja.

Meu intuito com este trabalho não é entristecer pessoas. Pelo contrário, o intuito é mostrar o quanto é importante a nossa intimidade com Deus e nos dar a esperança de que num dia preparado por Deus (‘no tempo determinado’, como diz a bíblia) todo o mal que vemos e vivemos no mundo vai ser destruído, e toda a injustiça vai ser vingada, pois é necessário que os homens se arrependam dos seus pecados e reconheçam que só em Jesus há liberdade, justiça, julgamento e vida eterna.

Espero que goste da leitura e que o Espírito Santo possa lhe revelar alguns segredos do mundo espiritual.

Que a luz do Senhor esteja sobre você.

Tânia Cristina

Parte 1 – O domínio de nações sobre Israel no Período Intertestamentário

Vamos começar pelo estudo sobre o domínio de nações pagãs sobre Israel no Período Intertestamentário e o período Hasmoneano ou Asmoneu (Judas Macabeu e seus descendentes). ‘Período Intertestamentário’ é o período entre Malaquias e Cristo, que compreende os quatrocentos anos, aproximadamente, em que Israel foi dominado pelos pagãos e quando o Senhor deixou de falar ao Seu povo por intermédio dos profetas. Por isso, este período foi chamado de ‘período de silêncio de Deus’.

Os reinos que dominaram Israel podem ser citados por períodos:

1) Período Persa (539-333 AC):

Por cerca de cem anos após a época de Neemias (O episódio de Neemias se deu por volta de 445–432 AC) os persas dominaram Judá, mas os judeus tiveram permissão de dar prosseguimento às observâncias religiosas sem enfrentar nenhuma oposição. Nesse período, a terra de Judá foi governada por sumos sacerdotes. Os reis persas, após a queda da Babilônia, foram:

- **Ciro, o imperador da Pérsia (Ciro II ou Cyrus o grande)**, que ordena a volta dos judeus em 538 AC (1º retorno dos exilados), ao invadir a Babilônia. Reinou (559–530 AC) como rei dos Persas, Medos, Lídios e Babilônios.
- **Cambises II (filho de Cyrus)**: 530–522 AC.
- **Dario I (cunhado de Cambises II)**: 522–486 AC. No seu reinado começou a ser reconstruído o templo (520–516 AC). Tinha iniciado em 536 AC (2º ano do reinado de Cyrus na Babilônia e parado até 520 AC – 2º ano Dario I). Segundo a Concordância de Strong, Dārayavahuš (Strong #1867), vem da origem persa: Darejavesht, um título (em vez de nome) de vários reis persas. Segundo Evandro de Souza Lopes (‘Os nomes bíblicos e seus significados, CPAD, 8ª edição 2002’), Dario vem do nome persa ‘Dozenda dara’; em hebraico: dono, senhor; em grego: o poderoso, rico. Outras fontes dão seu significado como: ‘Aquele que segura, o que mantém’.
- **Xerxes I (Assuero)**: 486–465 AC (filho de Dario I). Xerxes (= belicoso, grande guerreiro, leão) é uma transliteração grega do seu nome persa depois de sua ascensão, Jshāyār Shah, que significa ‘governante de heróis’. Na bíblia é mencionado como ‘Assuero’ (Achashverosh ou Achshresh, em Hebraico = príncipe, chefe, cabeça, leão); equivalente hebraico do persa Khshayarshan = rei leão; sendo escrito como Ahashuerus, em Caldeu; ou Axashverosh, em grego. Segundo a Concordância de Strong (Strong #325), ‘Assuero’ (Achashverosh, אֲחַשְׁוֶרֶשׁ ou Achshresh, אַחַשְׁרֹשׁ) é o título (em vez do nome) de um rei persa.
- **Artaxerxes I**: 465–424 AC (filho de Xerxes I, mas não o primogênito). Houve um 2º retorno de exilados a Jerusalém com Esdras em 458 AC para ministrar no templo reconstruído. Reconstrução das muralhas de Jerusalém: 445 AC (3º retorno: Neemias).
- **Xerxes II (filho de Artaxerxes I)** e que reinou 1 ½ mês e foi assassinado por seu irmão Secydianus ou Sogdianus (a forma do nome é incerta). Este, por sua vez, foi morto por Ochus, sátrapa da Hircânia (região ao sudeste do Mar Cáspio, no atual Irã), que subiu ao poder e adotou o nome de Dario II.
- **Dario II (Ne 12: 22)** governou a Babilônia e a Pérsia (424–404 AC); era chamado Dario, o persa. Seu nome de nascimento era Ochus; depois, adotou o nome de Dario (persa: Dārayavahuš, por isso, as fontes gregas o chamam de Dario Nothos, ‘Bastardo’).

- Artaxerxes II Mnemon, que significa: ‘cujo reino é através da verdade’ (404–358 AC). Era filho de Dario II.
- Artaxerxes III ou Ochus (3º filho de Artaxerxes II): 358–338 AC.
- Artaxerxes IV ou Arses (filho mais novo de Artaxerxes III): 338–336 AC
- Dario III (bisneto de Dario II e primo de Arses): 336–330 AC quando Alexandre, o grande, o derrotou na Macedônia. Originalmente chamado de Artashata; em latim: Codomannus, e em grego antigo: Kodomanos (Κοδομανός) foi o último rei da Dinastia Aquemênida da Pérsia. Dario (Dārayavahuš, em persa) foi o nome que ele adotou após subir ao trono.



Ciro, Ciro o Grande, ou Ciro II

Ciro, Ciro o grande, ou Ciro II, rei da Pérsia como era conhecido, foi o rei que levou a sua dinastia ao apogeu (a dinastia Aquemênida, fundada pelo rei Aquêmenes da Pérsia, seu bisavô, na verdade um governante Medo que pagava tributo à Pérsia no século VII AC), dominando os reinos da Média, Irã, Lídia, Síria, Babilônia, Palestina, Armênia e Turquistão, fundando assim o Império persa. Ao invadir a Babilônia, o rei Ciro ordenou a volta dos judeus a Jerusalém (1º retorno dos exilados) para reconstruir o templo do Senhor. É interessante que os governantes desta dinastia caracterizaram sua administração pela tolerância com as diferentes culturas e religiões dos povos conquistados e isso gerou uma grande lealdade entre seus súditos. Também construíram estradas ligando as principais cidades, e o seu sistema de correios era bastante eficiente. As estradas também facilitavam o comércio do Egito e da Europa com a Índia e a China, do qual a Pérsia se beneficiou grandemente. É bem possível que por causa desta política tolerante com as crenças dos seus súditos que Deus tenha encontrado o coração de Ciro favorável a libertar os judeus cativos. Por isso, ele ordenou que tudo o que tivesse sido roubado por Nabucodonosor, inclusive os utensílios do templo de Jerusalém fosse devolvido e colocado sob a guarda de Sesbazar (Ed 1: 8; Ed 5: 14), a quem constituiu príncipe de Judá. Os persas e todos os cidadãos do reino ajudaram os judeus dando-lhes prata, ouro, bens e gado, coisas preciosas, afóra as dádivas voluntárias para a Casa de Deus. Assim, os judeus voltaram e reconstruíram o templo do Senhor. O que aconteceu aqui foi muito parecido com o que aconteceu no Egito, quando os cidadãos deram muitas coisas preciosas ao povo de Israel antes de partirem.

Sua mãe se chamava Mandane, filha do último rei da Média, Astíages (reinado: 585–550 AC). Ela se casou em 600 AC com Cambises I, filho de Ciro I, rei da Pérsia. Quando o filho estava para nascer, Astíages teve dois sonhos proféticos que foram interpretados pelos magos como uma previsão de que seu neto (Ciro, Kūruš, em persa antigo) um dia iria se rebelar e o sucederia no trono; por isso, mandou buscá-la na Pérsia com a intenção de assassinar o bebê, assim que ele nascesse. Ordenou ao mordomo, Harpago, que o matasse. Entretanto, a criança não foi morta, mas entregue aos cuidados de um pastor. Em seu lugar, apresentaram a Astíages um natimorto, e o pai desta criança adotou Ciro como filho. Com 10 anos de idade, Ciro foi apresentado ao seu avô. Por intervenção dos magos, Ciro não sofreu punição e foi mandado de volta a seus pais. Anos mais tarde, por uma rebelião de Harpago, Ciro dominou a Média (região do atual Irã), entrando na capital, Ecbátana, e poupou a vida do seu avô. Também conquistou a Lídia e outros territórios, aumentando incrivelmente a extensão do império Persa. Talvez pela história de sua infância, Deus o tenha chamado de pastor (Is 44: 28), além do fato de usá-lo para conduzir Seu povo de volta a Israel. Lembremo-nos que Ciro, na Bíblia, é uma figura do Messias, o Bom Pastor.



O Cilindro de Ciro

O Cilindro de Ciro é um cilindro de argila em cujo interior há grandes pedras cinzas, atualmente dividido em vários fragmentos, no qual está escrita uma declaração em escrita cuneiforme acadiana listando sua genealogia como um rei de uma linhagem de reis, e relatando a sua captura de Babilônia em 539 AC. O cilindro mede 22,5 cm por 10 cm no seu diâmetro máximo. O texto diz que o vitorioso Ciro foi recebido pelo povo da Babilônia como seu novo governante e entrou na cidade em paz. Ele exalta os esforços de Ciro como um benfeitor dos cidadãos da Babilônia e responsável por melhorar suas vidas, repatriar os povos deslocados e restaurar templos e santuários religiosos pela Mesopotâmia e em outros lugares na região. Ele conclui com uma descrição do trabalho de Ciro de reparar as muralhas da Babilônia. O texto do cilindro também denuncia o rei babilônico deposto, Nabonido, como ímpio e retrata Ciro como

agradável ao deus principal Marduque. Provavelmente, ele data do século VI AC (539 AC). Há muita controvérsia entre os estudiosos sobre alguma coisa escrita no cilindro de Ciro sobre a repatriação dos judeus (Ed 1: 1-4; 2 Cr 36: 23). Embora não seja mencionado especificamente no texto, o repatriamento dos judeus de seu cativeiro babilônico foi interpretado como parte desta política geral.

Em Is 46: 9-11 está escrito: “Lembra-vos das coisas passadas da antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade; que chamo a ave de rapina desde o Oriente e de uma terra longínqua, o homem do meu conselho. Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei”.

A ave de rapina se refere a Ciro. Ciro era chamado ‘pássaro’ por sua rapidez, e ‘voraz’ por sua ferocidade e vitória sobre seus inimigos; uma ave de rapina, como a águia. Ele era rápido em cima do seu cavalo, sendo comparado a esta ave. Como relata Plutarco (Historiador e filósofo grego – 46-120 DC), Ciro tinha um nariz aquilino; portanto, os homens que têm tal nariz são altamente estimados entre os persas. Segundo Plutarco, Ciro é a palavra persa para ‘sol’. Xenofonte dizia que o estandarte de Ciro era uma águia dourada no alto de uma lança alta, e que foi mantido pelos reis da Pérsia. Xenofonte foi um historiador grego, escritor e líder militar e discípulo de Sócrates, e que viveu por volta de 430-354 AC. Ele foi contemporâneo de Artaxerxes II, um dos sucessores de Ciro como rei da Pérsia. Artaxerxes II viveu entre 436 e 358 AC e reinou no período de 404-358 AC.

Levando em conta o texto bíblico de Isaías, Ciro pode ser comparado a um pássaro pela sua rapidez em vir no tempo determinado por Deus. Ele veio do oriente como o sol nascente da justiça, sendo chamado para executar a vontade do Senhor. A obra da redenção de Israel estava de acordo com o eterno propósito de Deus, profetizada por todos os santos profetas, e agora cumprida. E a justiça e salvação divinas são mencionadas nos versos seguintes (v. 12-13: “Ouvi-me vós, os que sois de obstinado coração, que estais longe da justiça. Faço chegar a minha justiça, e não está longe; a minha salvação não tardará; mas estabelecerei em Sião o livramento e em Israel, a minha glória”).

Também em Is 44: 28 já estava escrito o propósito de Deus para Ciro como o pastor que conduziria Israel de volta para o aprisco (A terra de seus pais): “... que digo de Ciro: Ele é meu pastor e cumprirá tudo o que me apraz; que digo também de Jerusalém: Será edificada; e do templo: Será fundado”.

2) O período Helenístico (333-167 AC):

Período Ptolomaico sobre a Palestina (323-198 AC)

Período dos Selêucidas sobre a Palestina (198-167 AC)

Em 333 AC os exércitos persas concentrados na Macedônia sob o comando de Dario III foram derrotados por Alexandre, o Grande (356-323 AC). Para ele, sem dúvida, a cultura grega seria a única força a congregar o mundo. Ele permitiu que os judeus guardassem suas leis e até mesmo lhes garantiu, nos anos sabáticos, a isenção de tributos e impostos. Quando no ano de 323 AC Alexandre morreu com apenas 33 anos, seu império começou a desmoronar e foi dividido entre seus generais. Dois deles ficaram com a parte oriental: **1) Talmai** (nome aramaico de **Ptolomeu I Sóter**, que viveu entre 366 e 283 AC; em grego Πτολεμαῖος Σωτήρ, ‘Ptolemaíos Sōtér’ – ‘Ptolomeu Salvador’), fundador da dinastia Ptolomaica (em 323 AC), ficou com o Egito como sua parte no controle administrativo dos sucessores de Alexandre, estabelecendo

sua capital em Alexandria. 2) **Salvacos** (Para os historiadores Judeus, Salvacos é o nome de **Seleucos I ou Seleuco I Nicator**, em grego Σέλευκος Νικότωρ; Nikátōr, ‘o vencedor, o vitorioso’, fundador da dinastia Selêucida), governou a região da Turquia Ocidental e Oriental (antigamente chamada de Anatólia), Síria, Iraque, Irã, Pérsia, Afeganistão, Paquistão e partes da Índia; depois a dinastia Selêucida alcançou domínio sobre o Líbano e Israel. Os outros dois generais de Alexandre, o Grande (Alexandre Magno) que ficaram com a parte ocidental do seu império foram **Cassandro** da Macedônia (350-297 AC) e **Filipe Lisímaco** (360-281 AC). Assim, Israel por várias vezes se submeteu a domínio pagão. Durante os primeiros cem anos, ficou sob domínio Egípcio e, no final do século II AC, passou para domínio Selêucida, contra o qual os judeus empreenderiam uma revolta. Enquanto Israel estava sob domínio de Ptolomeu II Filadelfo, era permitido aos judeus viverem de acordo com a sua fé. O próprio rei considerava a Torá (livro da Lei de Moisés) um patrimônio cultural e obrigara 72 sábios judeus (por volta de 250 AC) a traduzi-la para o grego (Septuaginta ou Versão dos Setenta, LXX). Durante esta fase do período Ptolomaico surgiram os fariseus, os saduceus e **os essênios** em Israel.

Os **Saduceus** eram uma seita do Judaísmo do Segundo Templo que floresceu do século 2 AC ao século 1 DC, que alguns estudiosos afirmam ser descendentes de Zadoque (em hebraico: Tsadoq, צדוק, que significa ‘justo’) um sacerdote descendente de Eleazar, filho de Arão (1 Cr 6: 4-8). Ele oficiou como sacerdote nos tempos de Davi e Salomão. O partido dos Saduceus era como o partido dos sacerdotes e das elites (elite sacerdotal e aristocrática). A maioria dos saduceus era rica e não precisava depender de um trabalho secular comum para sobreviver. Cumpriam várias funções políticas, sociais e religiosas, dentre as quais, os sacrifícios e a administração dos fundos do Templo. Discordavam dos fariseus na questão da lei oral, a qual eles não aceitavam, negavam a ressurreição, anjos e espíritos (At 23: 8). Perduraram até algum tempo depois de 70 DC, quando o templo e a cidade de Jerusalém foram destruídos pelos romanos, mas deixaram sua marca em todas as tendências anti-rabínicas dos primeiros séculos EC e da época medieval. Os saduceus eram inicialmente partidários do helenismo, enquanto que os fariseus eram da facção ortodoxa.

Os **Essênios** eram um movimento místico-religioso (sem orientação política) que rejeitavam os sumos-sacerdotes apontados pelos selêucidas ou pelos Hasmoneus, por considerá-los ilegítimos. O nome ‘essênio’ (em grego: essaioi; em síriaco: essaya ou essenoi; no aramaico: chasajja; e em latim: esseni) significa ‘piedoso’. Eles tinham como doutrina a renúncia dos prazeres da carne para poderem atingir a santidade espiritual.

Viviam em Qumran (ou Khirbet Qumran, nome do atual local arqueológico, que em hebraico significa: ‘ruína da mancha cinzenta’) que era um lugar localizado na Cisjordânia a mais ou menos mil e seiscentos metros ao noroeste do Mar Morto, a doze quilômetros de Jericó e vinte e dois quilômetros de Jerusalém. A colônia de Qumran era conhecida como ‘fortaleza dos piedosos’, e comportava de 200 a 300 pessoas. Ela foi abandonada em 31 AC, após um incêndio e um terremoto, mas foi reconstruída e permaneceu até o século I DC, quando em 68 DC os romanos a destruíram. O nome ‘Qumran’ é moderno; ele é derivado de ‘qamar’, que em árabe significa ‘lua’. O nome do local no período do Segundo Templo foi provavelmente, Secacah, que significa ‘cidade do sal’. Hoje, Qumran se resume apenas a ruínas.

Os Essênios eram muito preocupados com a limpeza do corpo (se lavavam constantemente) como um símbolo da purificação da alma. Faziam voto de Nazireado (consagração a Deus, não cortando os cabelos, não tomando vinho ou qualquer produto derivado da uva e não tocando em cadáveres), por isso eram chamados Nazireus (como

Sansão, João Batista e Samuel). No caso do voto ser temporário, os cabelos do Nazireu eram rapados e queimados no final do período de consagração. Os Essênios guardavam o nome de Deus o (tetragrama sagrado – YHWH) dado a Moisés no Sinai, ao contrário dos demais judeus (principalmente Fariseus e Saduceus) que não podiam pronunciá-lo.



As ruínas de Qumran



Localização de Qumran

Eles acreditavam que o ser humano era o tabernáculo de Deus na terra, não construído por mãos humanas, e também aguardavam o Messias. Alguns dos primeiros cristãos eram essênios, pois alguns deles haviam se convertido a Jesus, por terem-no aceitado como Filho de Deus e Messias.

Essa compreensão ('o ser humano era o tabernáculo de Deus na terra') também era compartilhada pelos **Fariseus** ('separatistas'), integrantes da comunidade de escribas e sábios. Eram considerados separatistas por rejeitarem a cultura helenística ou por se opor ao monopólio Asmoneu do poder. Durante o período Asmoneu, os Saduceus e os Fariseus funcionaram primariamente como partidos políticos. Fariseus (do hebraico פרושים) eram um grupo de devotos à Torá, que surgiram quase que concomitantemente com os outros dois no séc. II AC (surgiram por volta de 150 AC, durante o período de Jônatas Macabeu como Sumo Sacerdote de Israel – 153 a 143 AC). Foram os criadores da instituição da sinagoga. Fariseu significa 'separado', 'santo'. O nome, em latim, é *Pharisaeus*; que vem do grego antigo, Φαρισαίος (*Pharisaïos*), e do hebraico, *prushim* ou *perushim*, que procede da raiz *parash*, que significa 'separar', 'afastar', pois era um partido religioso judeu caracterizado pela oposição aos outros religiosos de sua época e pela observância exageradamente rigorosa das prescrições legais da Torá e das tradições que eles haviam estabelecido. Provavelmente, os fariseus tiveram sua origem nos 'hassidim' (os piedosos), que apoiaram a revolta dos Macabeus (167-160 AC). Mas nem todos estavam satisfeitos com o domínio Asmoneu, pois eles uniram o ofício de rei com o de sumo sacerdote do Templo de Jerusalém. Um rei de Israel deveria ser ocupado por um descendente de Davi, da tribo de Judá. E o sumo sacerdote deveria ser descendente de Zadoque, o sumo sacerdote no reinado de Salomão. Os Asmoneus, porém, não podiam reivindicar nenhuma dessas linhagens. A maioria dos fariseus não era da classe sacerdotal e, portanto, não dependia exclusivamente do Templo para viver.

Em geral, eles eram pessoas de classe média que trabalhavam em várias profissões, como comerciantes, artesãos e agricultores. Alguns fariseus eram ricos, mas a maioria era de classe média e vivia de seu trabalho.



Alexandre, o Grande

3) período Hasmoneano (167-63 AC):

No início desse período da História, os judeus submeteram-se a um jugo muito pesado. Em 167 AC, o rei Selêucida, Antíoco IV Epifânio, conquistou Jerusalém que passou a ser permanentemente controlada por soldados. Os Ptolomeus tinham sido complacentes para com os judeus, permitindo suas práticas religiosas, mas os Selêucidas empenharam-se tenazmente por impingir-lhes o helenismo (cultura grega), instituindo como lei a destruição dos exemplares das Escrituras e proibindo o culto judaico: a observância do Shabbat, as proibições alimentares e até a circuncisão. Antíoco IV enviou um grande exército contra Jerusalém e tomou-a em ataque relâmpago; matou 40.000 pessoas (Alguns historiadores relatam que, além de ele saquear o templo e matar as 40.000 pessoas, as mães que circuncidavam seus bebês foram mortas junto com suas famílias); vendeu muitos judeus como escravos; instalou a estátua de Zeus no templo para ser adorado; cometeu sacrilégio matando um porco (animal imundo) no altar e depois mandou borrifar o sangue no templo; invadiu o Santo dos Santos e pilhou os vasos de ouro e outros utensílios do templo, no valor de mil talentos; ele também interferiu na escolha do sumo sacerdote e do governador de Judá e, assim, com a introdução do helenismo na Judéia, ele terminou com os sacrifícios feitos no templo de Jerusalém. O sacrilégio de matar um porco (animal imundo) no altar foi mencionado por Jesus: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar (quem lê entenda)” (Mt 24: 15; Mc 13: 14, extraído de Dn 9: 27; Dn 11: 31; Dn 12: 11).

Os judeus oprimidos de rebelaram sob o comando de Judas Macabeu (Judas ben Matatias). Seu nome de família era Hasmon, portanto, ficaram conhecidos como

Hasmoneanos ou Hasmoneus, e eles viviam num vilarejo chamado Modiín (em Hebraico: מוֹדִיעִין), a mais ou menos trinta e dois quilômetros a oeste de Jerusalém e trinta e cinco quilômetros a sudeste de Tel Aviv, no local hoje conhecido como Modi'in-Maccabim-Reut. O líder era Matatias, pai de cinco filhos: João (1º), Simão (2º), Judas Macabeu (3º, Judas ben Matatias), Eleazar (4º) e Jônatas (5º). Matatias era sacerdote, mas não sumo sacerdote; não há prova alguma sobre pertencer à linhagem de Arão como as fontes rabínicas tentam ligá-lo à tribo sacerdotal de Joiaribe (1 Cr 24: 7). Os Asmoneus uniram o ofício de rei com o de sumo sacerdote do Templo de Jerusalém. Um rei de Israel deveria ser ocupado por um descendente de Davi, da tribo de Judá. E o sumo sacerdote deveria ser descendente de Zadoque, o sumo sacerdote no reinado de Salomão. Os Asmoneus, porém, não podiam reivindicar nenhuma dessas linhagens.

No livro de 1 Macabeus 2: 2–5, os filhos de Matatias tinham nomes duplos (um grego e um hebreu): João Gadi, Simão Tassi, Judas Macabeu, Eleazar Avaran e Jônatas Afo. Alguns nomes podem ter sido dados por Matatias; outros, foram dados depois pelo povo.

Embora o nome Gadi apareça em Nm 13: 11 como o nome de um dos dez espias que foram enviados por Moisés, pela tribo de Manassés, o apelido ‘Gadi’ para João Macabeu pode estar relacionado com Gade, o 7º filho de Jacó, por Zilpa, serva de Lia, que significa ‘boa sorte, afortunado’, que muitos relacionam com o antigo deus pagão Gad, que significa algo parecido com ‘sorte’. Gad era o nome do deus semita da fortuna, geralmente descrito como um deus masculino, mas às vezes como uma deusa, e é atestado em registros antigos de Arã, Babilônia e Arábia. Zilpa era de Arã, morava com a família de Labão. Gad também é mencionado na Bíblia como uma divindade no Livro de Isaías (Is 65: 11-12 – algumas traduções simplesmente o chamam ‘o deus da Fortuna’ ou ‘a deusa Fortuna’ (na ARA; ou ‘Sorte’, na NVI), como tendo sido adorado por um número de hebreus durante o cativeiro babilônico. Gad aparentemente diferia do ‘deus Destino’ [em hebraico, a palavra usada é Mniy, transliterado como Meni]. Destino é um deus pagão, responsável pelo destino, e que agia através de números, como um jogo de números ou jogo de azar. Colocava-se um copo para ele contendo uma mistura de vinho e mel, especialmente no Egito, no último dia do ano. Ainda outra sugestão foi feita com a palavra usada para ‘grão’, ‘produto’, sugerindo talvez que ele fosse um agricultor.

O nome ‘Tassi’ tem uma conotação de ‘o Sábio’, um título que também pode significar ‘o Diretor’, ‘o Guia’, ‘o Homem do Conselho’ e ‘o Zeloso’. Esse nome pode ter sido dado pelo próprio Matatias, tanto é que ao morrer nomeou-o como conselheiro dos irmãos na revolta.

Macabeu significa ‘martelo’ (ha’Makabi). Sua família ficou conhecida como os Macabeus. Judas, em especial, recebeu este apelido devido à sua ferocidade na batalha. Mas a explicação tradicional judaica é que Maccabee (hebraico: מַכַּבִּים Makkabi) é um acrônimo para o versículo de Êx 15: 11: “Ó SENHOR, quem é como tu entre os deuses?” (ARA) ou “Quem entre os deuses é semelhante a ti, SENHOR?” (NVI), que em hebraico transliterado é: ‘M i k amocha ba’ elim Y HWH’ ou **miy-khâmokhâh bâ’êlim Yhvh** e que foi o grito de guerra dos Macabeus; também como um acrônimo para ‘M attyahu ha K ohen bbY’, ‘Matatias o sacerdote de YHWH’.

Eleazar Avaran, também conhecido como Eleazar Macabeu ou Eleazar HaChorani, recebeu esse apelido porque seu pai viu nele um zelote entre os zelotes, como Finéias (Sl 106: 30-31; Nm 25: 7-8; 11-12). Outros dizem que ‘Avaran’, na versão Alexandrina do livro de 1 Macabeus é ‘Sauran’, que foi interpretado como ‘o perfurador’ (em referência à sua morte) ou ‘ser branco’ (referindo-se à sua pele clara). Em outras

versões está escrito ‘Horan’, possivelmente derivada de ‘Hor’ = ‘buraco’, semelhante a ‘perfurador’ [fonte: wikipedia.org].

‘Afo’ (Apphus), segundo algumas fontes, é de origem síriaca e está relacionada à palavra ‘choppus’, que significa ‘o dissimulador’, ‘o diplomata’, por causa de sua personalidade (1 Macc. 2: 5) [fonte: Richard Gottheil, Samuel Krauss; <https://www.jewishencyclopedia.com/articles/8773-jonathan-maccabeus>].

A revolta eclodiu quando um grupo de gregos reuniu os habitantes do vilarejo na praça onde fora erguido um altar com ídolos. O general grego exigiu que João fizesse oferendas naquele lugar. Ele, porém, recusou-se veementemente e sua atitude fez irromper a revolta, pois seu pai, Matatias, matou um judeu helenista que deu um passo à frente para oferecer sacrifício a um ídolo. Os estudiosos modernos dizem que tudo começou numa guerra civil entre judeus tradicionalistas e judeus helenizados em Jerusalém (por isso Zacarias escreve: ‘entregarei os homens, cada um nas mãos do seu próximo e nas mãos do seu rei; eles ferirão a terra, e eu não os livrarei das mãos deles’ – Zc 11: 6). O que começou como uma guerra civil e como uma rebelião religiosa foi gradualmente se transformando em uma guerra de libertação nacional, quando o reino da Síria se uniu aos judeus helenistas em seu conflito com os tradicionalistas. Matatias e seus cinco filhos fugiram para o deserto de Judá.

Matatias faleceu já em idade avançada (166 AC). De seus filhos, ele designou Simão como conselheiro e Judá como general. Judas adotou a estratégia de guerrilhas, pegando o inimigo em ataques-surpresa. Ele queria retomar Jerusalém para purificar o templo. Mas, ao chegar ao templo sagrado, encontrou apenas desolação, ruínas, ídolos e estátuas por toda parte. Finalmente, os Macabeus expulsaram as tropas de Antíoco IV de Jerusalém. A profecia de Daniel (Dn 8: 14) estava se referindo ao tempo decorrido desde a profanação do templo por Antíoco IV Epifânio, rei Selêucida até sua purificação por Judas Macabeu. A revolta dos Macabeus durou de 167 AC a 160 AC, ou seja, 2.300 dias, mais precisamente, 6 anos, 3 meses e 18 dias.

Judas Macabeu morreu na Batalha de Elasa em Abril de 160 AC.

Eleazar Avaran morreu esmagado na Batalha de Bete Zacarias em 162 AC, depois de atacar um elefante de guerra com uma lança na barriga, julgando ser o elefante que levava o rei Antíoco IV. O elefante morto caiu sobre Eleazar, matando-o também.

Jônatas Macabeu (Jônatas Afo), o irmão de Judas Macabeu, se tornou líder dos rebeldes da dinastia Hasmoneana em Jerusalém (160-143 AC), sucedendo Judas Macabeu. Em 159 AC, conseguiu derrotar Báquides, o general selêucida, que deixou fome e grande rastro de destruição na Judéia. Ele e seus irmãos, Simão Tassi e João Gadi e os restantes Macabeus fugiram para o deserto a leste do rio Jordão. João foi morto em 159 AC em Nabatéia (ao sul de Moabe) por tribos rivais de Madaba (cidade moabita). O Primeiro Livro dos Macabeus diz que com isso ‘a espada cessou em Israel’ e, por isso, nada é relatado para os cinco anos seguintes (158-153 AC). Mas durante os sete anos entre a morte do sumo sacerdote anterior, Alcimus (Jakim-Alcimus; 162–160 AC), e a nomeação de Jônatas para o cargo sumo sacerdote em Jerusalém, não se sabe quem ocupou esse cargo. Existem apenas hipóteses de um sacerdote descendente de Zadok nos manuscritos do mar Morto, encontrados em 1947.

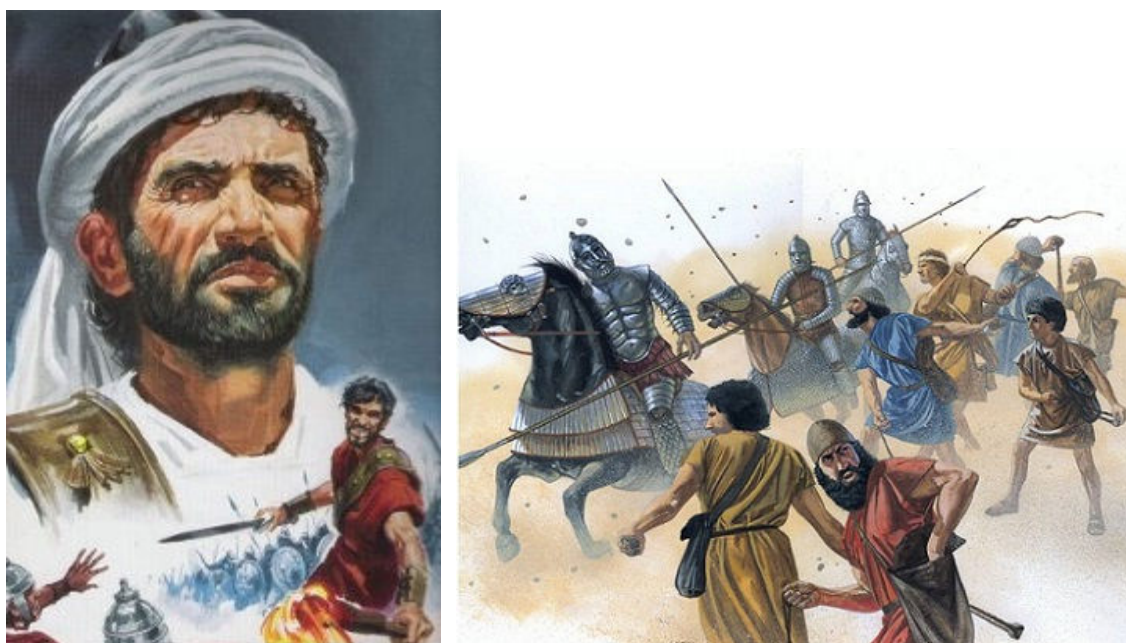
Jônatas Macabeu serviu como Sumo Sacerdote de Israel de 153 a 143 AC, nomeado por Alexandre Balas (um usurpador do trono selêucida, 150-145 AC). Na festa dos tabernáculos de 153 AC, Jônatas vestiu as vestes do sumo sacerdote e oficiou pela primeira vez. Em 147 AC, ele recebeu o controle total do território da Judéia, depois que ele derrotou Demétrio II Nicator, que pretendia tirar o trono de Alexandre Balas. Após a morte de Balas em 145 AC e a subida de Demétrio II Nicator (145-144 AC) ao trono selêucida, Jônatas ganhou uma posição em Samaria, aliando-se a Demétrio

Nicator. Jônatas Afo foi finalmente capturado e morto em 142 AC pelo rei selêucida Diódoto Trífon (142-139 AC), pois caiu na sua armadilha de receber Ptolemaida e outras fortalezas. Eles se encontram em Baskama, a leste do Jordão. Os poucos soldados do seu exército que estavam com ele foram mortos e ele ficou ali, até que seu irmão Simão Tassi lhe trouxesse seus dois filhos como reféns, a pedido por Diódoto Trífon para libertar Jônatas. Mas Simão caiu também na armadilha e Jônatas e seus filhos mais velhos foram mortos. Seu filho mais novo ficou como sumo sacerdote em seu lugar. As fontes rabínicas dizem que uma das filhas de Jônatas Afo foi antepassada de Flávio Josefo.

Jônatas foi sucedido por seu outro irmão, Simão Macabeu (Simão Tassi, 142-135 AC). Ele e seus dois filhos mais velhos, Matatias e Judá, foram assassinados em fevereiro de 135 AC por seu genro Ptolomeu em um banquete em Dok (uma montanha sobre a cidade de Jericó).

Depois da morte de Simão Macabeu, seu filho, João Hircano I, assumiu seu posto de sacerdote e rei. Entretanto, o rei Selêucida Antíoco VII Evérgeta ou Sideta (139-129 AC) conquistou os judeus após um cerco de Jerusalém, e executou seus principais líderes. No ano de 116 AC, dois regentes selêucidas iniciaram uma disputa pelo trono, e isso foi um motivo para João Hircano I reafirmar a independência judaica e trazer Samaria e a Iduméia sob o controle de Jerusalém. Seu filho, Alexandre Janeu, rei da Judéia (103-76 AC), assaltou Ptolemaida (hoje chamada Acre, uma cidade da Galiléia ao norte da Baía de Haifa, na costa do Mediterrâneo, localizada num promontório perto do Monte Carmelo) e herdou o trono do seu irmão Aristóbulo I (que havia morrido), casando-se com sua cunhada Salomé Alexandra, pela lei do levirato. Alexandre Janeu expandiu o Reino Hasmoneu (Asmoneu ou Hasmoneano) e estabeleceu a capital na cidade de Gamla (81 AC), onde é agora a Cidade de Golã.

Em 65–64 AC, o Império Selêucida foi anexado à República Romana. Assim, terminou também o Período Hasmoneano, e teve início o período romano, quando Pompeu invadiu Jerusalém (63 AC). O segundo templo construído por Zorobabel e restaurado e fortalecido pelos reis hasmoneanos era uma fortaleza tão poderosa que resistiu ao cerco de Pompeu durante 3 meses.



Judas a Revolta dos Macabeus



Reino Hasmoneano (Asmoneu)

Quando Pompeu chegou a Jerusalém, sua primeira ação foi inspecionar a cidade. Josefo escreve: “... pois ele percebeu que as muralhas eram tão firmes que seria difícil transpô-las; e que o vale (Tiropeon) diante da muralha era terrível; e que o templo, que ficava dentro desse vale, estava também circundado por uma muralha muito forte, de tal forma que, se a cidade fosse tomada, esse templo seria um segundo lugar de refúgio para o onde o inimigo poderia se retirar.” [Flávio Josefo, *A Guerra dos Judeus* i.vii. §1.1].

4) O período Romano (63 BC-476 DC):

No ano de 63 AC, o general romano Pompeu (Cneu Pompeu Magno; Gnaeus Pompeius Magnus; v. 106-49 AC) conquistou Jerusalém, e as províncias da Palestina se subjugaram ao domínio romano. Em 60 AC, Júlio César se aliou a Cneu Pompeu Magno e a Marco Licínio Crasso (Marcus Licinius Crassus; v.: 115-53 AC; triúmviro: 60-53 AC; eleito cônsul em 70 e 55 AC) e governou Roma (o “Primeiro Triunvirato” –

60-53 AC). Crasso morreu em 53 AC. Morto Pompeu no Egito em 49 AC, Caio Júlio César subiu ao poder da República Romana neste mesmo ano e se proclamou ditador vitalício. Morreu assassinado em 44 AC devido a uma conspiração liderada por Marco Júnio Bruto [Marcus Junius Brutus; período de vida: 85-42 AC; patrício (aristocrata romano) e líder político de orientação conservadora republicana romana] e Caio Cássio Longino [Gaius Cassius Longinus; viveu em 85-42 AC; um senador romano, o principal agente na conspiração contra Júlio César, e cunhado de Marco Júnio Bruto], e a partir daí houve uma disputa de poder entre Marco Antônio (um célebre militar e político romano) e Caio Otaviano, sobrinho-neto e sucessor de Júlio César. A Batalha de Áccio em 31 AC, perto de Actium na Grécia, entre Marco Antônio e Otaviano, foi vencida por este e marcou a data do fim da República.

Após a Batalha de Áccio, Otaviano dispensou seus exércitos e convocou eleições. Ele foi eleito para o cargo de cônsul, e em 27 AC, devolveu oficialmente o poder ao Senado romano e ofereceu-se para abrir mão de sua supremacia militar e de sua hegemonia sobre o Egito. Mas o senado lhe deu também o controle das províncias da Hispânia, da Gália e da Síria, onde se concentravam o maior número de tropas. Pouco depois, o Senado conferiu-lhe o título de “Augusto”, que também tinha conotações religiosas na Antiguidade.

Caio Júlio César Otaviano Augusto, conhecido como César Augusto reinou como imperador de 27 AC a 14 DC. O governo de cada região do Império ficava parte do tempo a cargo de príncipes, e no restante, sob a responsabilidade de procuradores nomeados pelo imperador. Augusto nomeou Herodes, o grande, governador sobre a Palestina na época do nascimento de Cristo.

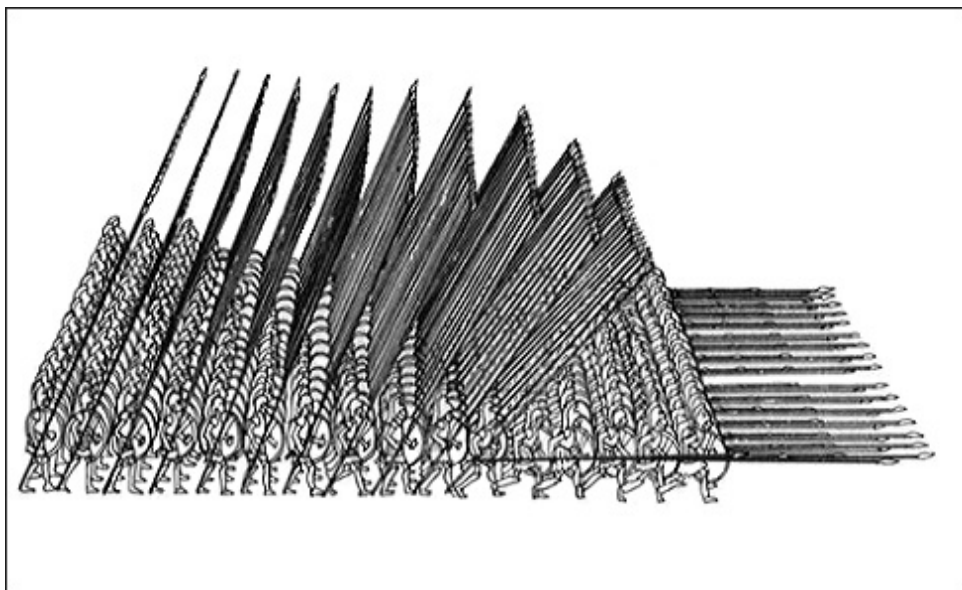
A partir daí, muitos imperadores se seguiram até a queda do Império Romano. Em geral, a expressão queda do Império Romano refere-se ao fim do Império Romano do Ocidente, ocorrido em 476 DC, com a tomada de Roma pelos Hérulos, uma vez que a parte oriental do Império, que posteriormente os historiadores denominariam Império Bizantino, continuou a existir por quase mil anos, até 1453, quando ocorreu a Queda de Constantinopla pelos turcos otomanos. A queda do Império Romano do Ocidente foi causada por uma série de fatores, entre os quais as invasões bárbaras que causaram a derrubada final do Estado. Os Hérulos foram uma tribo germânica, possivelmente originária do sul da Escandinávia (Dinamarca, Suécia e Noruega) e invadiram o Império Romano no século III. Os Hérulos junto com os Godos participaram de várias expedições saqueando o mar Negro e o mar Egeu.

Parte 2 - Período Intertestamentário - Selêucidas e Ptolomeus

Aqui, o enfoque maior será dado ao período Helenístico, num estudo mais detalhado sobre os reis Selêucidas e Ptolomaicos, pois tudo o que aconteceu neste período da História foi revelado ao profeta Daniel (Dn 11: 1-45). Além dos reis do Norte e do Sul (dinastias Ptolomaica e Selêucida), também falaremos sobre os outros dois generais de Alexandre, o Grande, que herdaram a parte ocidental do Império após sua morte. Embora possa parecer que estamos assistindo a uma aula de História Geral, é importante se lembrar da presença de Deus sobre a história da humanidade, movendo reinos e nações segundo a Sua vontade, e o quanto Ele deseja revelar Seus planos aos verdadeiros profetas para que nós possamos ouvir Sua voz, ver a nós mesmos através da vida desses personagens e aprender com eles para não repetirmos os mesmos erros.

Em 333 AC os exércitos persas concentrados na Macedônia sob o comando de Dario III foram derrotados por Alexandre, o Grande (356-323 AC). Quando no ano de 323 AC Alexandre morreu com apenas 33 anos, seu império começou a desmoronar e foi dividido entre seus generais. Dois deles ficaram com a parte oriental: **1) Talmai** (nome aramaico de **Ptolomeu I Sóter**, que viveu entre 366 e 283 AC; em grego Πτολεμαῖος Σωτήρ, 'Ptolemaíos Sōtér' – 'Ptolomeu Salvador'), fundador da dinastia Ptolomaica (em 323 AC), ficou com o Egito como sua parte no controle administrativo dos sucessores de Alexandre, estabelecendo sua capital em Alexandria. **2) Salvacos** (Para os historiadores Judeus, Salvacos é o nome de **Seleucos I ou Seleuco I Nicator**, em grego Σέλευκος Νικάτωρ, Nicator = o vencedor, o vitorioso; fundador da dinastia Selêucida) governou a região da Turquia Ocidental e Oriental (antigamente chamada de Anatólia), Síria, Iraque, Irã, Pérsia, Afeganistão, Paquistão e partes da Índia; depois a dinastia Selêucida alcançou domínio sobre o Líbano e Israel por volta de 168 AC. Os outros dois generais de Alexandre, o Grande (Alexandre Magno) que ficaram com a parte ocidental do seu império foram **Cassandro da Macedônia** (350-297) e **Filipe Lisímaco** (360-281 AC).





Falanges Macedônicas – a formação do exército de Alexandre, com soldados muito próximos uns dos outros e lanças dispostas de uma forma que dificultava a passagem do inimigo através dos soldados gregos. Quem não morria na primeira linha de lanças morria provavelmente nas outras. Este tipo de formação de batalha tornou o exército de Alexandre praticamente invencível. Os romanos copiaram a mesma estratégia de formação de batalha para as suas legiões de infantaria.





É interessante olhar a extensão do império Persa deixado por Dario III e a extensão do império conquistado por Alexandre Magno, ou Alexandre o Grande.

O império de Alexandre foi um pouco menor que o Persa. Foi o segundo maior império da Antiguidade.



Alexandre, o Grande

Quando Alexandre morreu com apenas 33 anos de idade (323 AC), antes de seu império ser dividido entre seus quatro generais, houve uma primeira divisão entre eles e um grande nobre macedônico, general e sátrapa chamado Antígono I Monoftalmo (382-301 AC), que havia servido na corte de Alexandre e seu pai, Filipe II e se tornou o

senhor de toda a Ásia Menor, estabelecendo a dinastia antigônida. Ele reinou por 5 anos (306-301 AC), controlando a Macedônia e a Grécia, e viveu até os 80-81 anos. Assim, de comandante e general de confiança, ele passou à posição de rei e sucessor. Era chamado Monoftalmo, ou ‘o caolho’, porque só tinha um olho; o outro ele havia perdido em batalha. Foi atacado pelos outros Diádocos, e era muito temido de todos eles. Após sua morte (na quarta coligação de Diádocos), o império foi definitivamente dividido entre os quatro generais de Alexandre.

Os diádocos (do grego Διάδοχοι, Diadokhoi, ‘sucessores’) também chamados de epígonos (grego: Επίγονοι, transl. Epígonoi, ‘filhos’), na história do Helenismo, foram os sucessores de Alexandre, o Grande. As Guerras dos Diádocos aconteceram após a morte de Alexandre.

Se quiser entender melhor a genealogia das dinastias selêucidas e ptolomaicas, faça o download em **PDF**:

https://www.searaagape.com.br/genealogia_reis_seleucidaseptolomaicos.pdf



Cassandro (350-297 AC) herdou a Macedônia (Grécia). Cassandro era filho de Antípatro, um dos generais de Alexandre, o Grande, e de seu Pai, Filipe II da Macedônia. Nada há de muito interessante a ser dito sobre Cassandro, a não ser as coligações que fez com os outros generais (diádocos) de Alexandre para tirar o império das mãos de Antígono I Monoftalmo. Outro fator de interesse na vida de Cassandro foi a série de assassinatos que ele realizou, incluindo a mãe de Alexandre Magno (Olímpia) e seu filho por sua esposa Roxana, Alexandre IV (aos 13 anos de idade – 311 AC). Cassandro se casou com Tessalônica da Macedônia, e teve três filhos: Filipe IV da Macedônia, Antípatro II da Macedônia e Alexandre V da Macedônia. Cassandro morreu de tuberculose em 297 ou 296 AC na Macedônia. Seu filho mais velho Filipe IV e sucessor também veio a falecer de tuberculose quatro meses mais tarde.

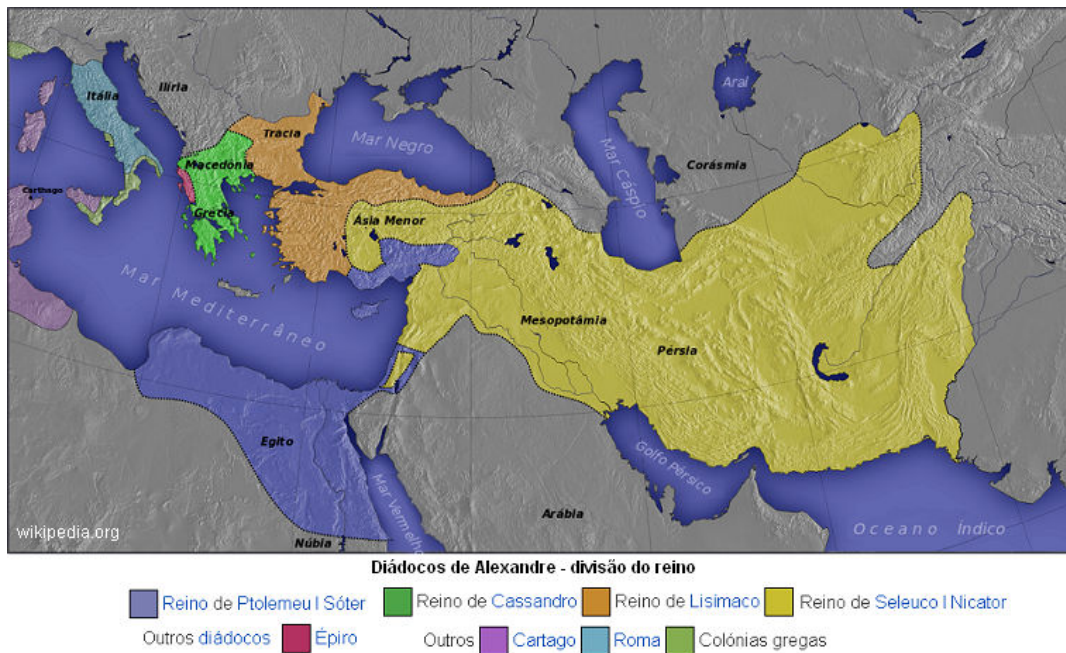
O general **Filipe Lisímaco** (360-281 AC) tornou-se um dos quatro diádocos de Alexandre. Em 315 AC, Filipe Lisímaco uniu-se com Cassandro, Ptolomeu e Seleuco contra Antígono I Monoftalmo. Nesta primeira aliança entre os quatro generais contra

ele, ele saiu ileso. Lisímaco continuou a travar suas guerras para aumentar seu território. Em 306 AC, Lisímaco tornou-se rei, governando a Ásia Menor, a Macedônia e a Trácia (região compreendida entre o Mar Negro e a Macedônia) por vinte anos. Em 302 AC, Lisímaco fez a segunda aliança entre Cassandro, Ptolomeu e Seleuco, e com o reforço das tropas de Cassandro, penetrou na Ásia Menor. Mas Antígono se aproximou e ele se retirou para uma residência próxima à cidade de Heracléia Pôntica (na costa do Mar Negro, na Turquia), casando-se com a rainha viúva Amestris, uma princesa persa, sobrinha de Dario III. Em 301 AC, os quatro se uniram pela quarta vez contra Antígono Monoftalmo na batalha de Ipso, perto da cidade de mesmo nome, na Frígia – nome da antiga região centro-oeste na antiga Ásia Menor (Anatólia), na moderna Turquia. Na época, Cassandro governava a Macedônia, Lisímaco era governante da Trácia, Seleuco I Nicator era governante da Babilônia e Pérsia, e Ptolomeu, governante do Egito. Os diácodos aliados venceram a batalha, Antígono Monoftalmo foi morto, e seu filho Demétrio I Poliorcetes escapou, fugindo para Éfeso (Poliorcetes significa ‘o sitiador’ [de cidades]).

Assim, Ptolomeu ganhou o Egito; Seleuco, a maior parte das terras de Antígono no leste da Ásia Menor, e Lisímaco recebeu o restante da Ásia Menor. Vendo que Seleuco era mais forte, Lisímaco se aliou a Ptolomeu I Sóter, se divorciou de Amestris, e se casou com a filha de Ptolomeu, Arsínoe II do Egito (316-270 AC), que passou a ser rainha da Trácia e, depois, co-governante do Egito com seu irmão e marido, Ptolomeu II Filadelfo. Amestris retornou a Heracléia e depois foi assassinada em 306 AC por seus dois filhos (Clearco II e Oxatres, filhos do seu casamento anterior com Dionísio, tirano de Heracléia) que, por sua vez, foram condenados por Lisímaco. Ela também teve com ele (Dionísio) uma filha chamada Amestris. Arsínoe II lhe pediu a residência de Heracléia e, em 284 AC, conspirou contra o filho primogênito de Lisímaco, Agátocles, para que seus filhos fossem herdeiros do trono. Isso ela fez com ajuda de seu irmão Ptolomeu Cerauno. Eles usaram de mentira, acusando Agátocles de conspirar com Seleuco para tirar o trono de seu pai. Este condenou seu próprio filho, o que causou indignação em muitas cidades da Ásia Menor que se revoltaram. Seus amigos de confiança o desertaram. Aí, sim, sua nora viúva fugiu para Seleuco, que por sua vez invadiu os territórios de Lisímaco na Ásia. Quase na mesma época, Demétrio I Poliorcetes, que estava fora da Grécia, voltou com as hostilidades contra Lisímaco, mas depois de ver suas cidades invadidas na Ásia Menor ele fez um acordo de paz com este, ficando, então, como governante da Macedônia. Em seguida as guerras entre eles voltaram, mas Lisímaco venceu mais uma vez, tomando posse do território. Em 281 AC, Lisímaco entrou na Lídia, e na decisiva Batalha de Corupédio ele foi morto por Seleuco, que também derrotou Cassandro, e morreu logo depois dos seus inimigos. O corpo de Lisímaco foi vigiado por um dedicado cão por alguns dias e, depois de encontrado no campo de batalha, foi entregue a seu filho Alexandre, que o sepultou em Lisimáquia. Alexandre foi seu único filho com Amestris.

As quatro divisões principais do império de Alexandre após a batalha de Ipso:

A parte oriental: 1) Ptolomeu I Sóter, fundador da dinastia Ptolomaica (em 323 AC), ficou com o Egito, estabelecendo sua capital em Alexandria. 2) Seleucos I ou Seleuco I Nicator, fundador da dinastia Selêucida, governou a região da Turquia Ocidental e Oriental (Anatólia), Síria, Iraque, Irã, Pérsia, Afeganistão, Paquistão e partes da Índia; depois, Líbano e Israel. **A parte ocidental** do seu império foi dividida entre Cassandro (350-297 AC), que recebeu a Macedônia (Grécia), e Filipe Lisímaco (360-281 AC), que recebeu o restante da Ásia Menor e a Trácia.



Agora, vamos nos concentrar nas principais **Dinastias: Ptolomaica e Selêucida**.

Dinastia Ptolomaica:



Ptolomeu I Sóter

Ptolomeu I Sóter, que viveu entre 366 e 283 AC, foi o fundador da dinastia Ptolomaica (em 323 AC). De 323 a 305 AC, foi sátrapa; de 305 a 285 AC, foi rei. Depois abdicou, e faleceu em 283 AC. Ptolomeu I Sóter era filho de Arsinoé da Macedônia. A História se refere ao pai de Ptolomeu como sendo Lagos ou Lagus, que foi um macedônio, daí o nome Lágidas, também dado à dinastia que fundou. Mas os macedônicos do século II DC diziam que seu pai verdadeiro era Filipe II, pai de Alexandre o grande, pois Ptolomeu I Sóter nasceu logo após o casamento de sua mãe com Lagos. Ptolomeu I Sóter ficou com o Egito, estabelecendo sua capital em Alexandria. Ele sempre se importou em manter o Egito seguro por causa das guerras

dos diácodos, exercendo também um rígido controle sobre a região de Chipre, Cirene, Síria e Judéia. Em 308 AC tomou posse de Corinto, Sícion (antiga cidade ao sul da Grécia, na península de Peloponeso) e Mégara (uma cidade agrícola ao norte do istmo de Corinto). Mas em 306 AC, numa batalha contra Demétrio I, filho de Antígono Monoftalmo, Ptolomeu I perdeu Chipre definitivamente. Ele já havia perdido a Síria para Antígono, mas voltou a reconquistá-la pela quarta vez em 301 AC, após a morte do seu inimigo na batalha de Ipso. Entretanto, os outros membros da coligação atribuíram a Síria a Seleuco. Assim, durante cerca de um século, a questão da posse do sul da Síria, isto é, Israel, ocasionou um clima de constante conflito entre a dinastia Ptolomaica e os Selêucidas. Em 285 AC, Ptolomeu I Sóter abdicou em favor do filho de Berenice I, Ptolomeu II Filadelfo. Morreu em 283 AC com 84 anos de idade e foi o fundador do Museu e da biblioteca de Alexandria, incentivando a permanência dos sábios gregos na cidade em que eles escolhessem ficar.

Ele teve três esposas, e filhos com elas:

1) Com Eurídice (com quem se casou em 321 AC): Ptolomeu Cerauno, Meleagro da Macedônia, Argeu, Lisandra e Ptolomaida. Eurídice era filha de Antípatro, um general macedônico que apoiou fortemente o rei Filipe II da Macedônia e seu filho Alexandre, o Grande. Em 320 AC, tornou-se regente de todo o império de Alexandre. Eurídice era irmã de Cassandro.

2) Com Berenice I (com quem se casou em 316 AC): Ptolomeu II Filadelfo (285-247 AC), Arsínoe II e Filoteria. Berenice I era sua concubina e também prima de Eurídice. Depois, veio a ser sua esposa principal e futura rainha. Ele adotou os filhos de Berenice I de seu primeiro casamento (com um nobre chamado Filipe): Magas de Cirene, Antígona e possivelmente Texena, como príncipes da Casa Real da Macedônia.

3) Com Taís: Lago, Leôntico e Irene (em Grego, 'Eirene'; nenhum relato histórico se encontra sobre eles, apenas que Taís de Atenas era uma cortesã).

Por meio de suas filhas, Ptolomeu I Sóter realizou muitos casamentos diplomáticos, selando fortes e importantes alianças com os principais sucessores de Alexandre e com outros reinos no período helenístico, e garantindo a realeza de seus descendentes diretos nos principais reinos do mundo helênico nos séculos seguintes:

1) Irene se casou com o rei de Chipre.

2) Antígona, a filha do primeiro casamento de Berenice I, se casou com o rei de Épiro.

3) Texena, outra filha de Berenice I, se casou com o rei de Siracusa.

4) Lisandra, filha de Eurídice, se casou primeiro com o rei Alexandre V da Macedônia, filho de Cassandro, mas com sua morte em menos de um ano, se casou com Agátocles, filho de Lisímaco, e teve vários filhos com ele. Quando Agátocles foi morto pelo próprio pai, acusado de traição como vimos acima, Lisandra fugiu com os filhos para a corte de Seleuco I Nicator na Babilônia.

5) Ptolomaida se casou com Demétrio I, apelidado de Poliorcetes (significa 'sitiador de cidades'), filho de Antígono Monoftalmo, por volta de 287-286 AC. Seu marido morreu logo após o nascimento de seu filho único, a quem deu o nome de Demétrio, o belo, herdeiro do trono macedônico e futuro rei de Cirene (atual região da costa oriental da Líbia). Demétrio, o belo, teve duas esposas: Olimpia de Larissa (lhe deu um filho que veio a ser rei da Macedônia) e a Rainha Berenice de Cirene, que se tornaria Berenice II do Egito. Demétrio, o belo, foi assassinado por Berenice por ter sido flagrado na cama com a sua própria sogra.

6) Arsínoe II do Egito se casou três vezes: aos dezesseis anos, com Lisímaco da Trácia e tiveram três filhos: Ptolomeu de Telmesso (ou Ptolomeu Epigonos), Lisímaco e Filipe. Os dois últimos seriam mortos, mais tarde pelo seu tio Ptolomeu Cerauno (meio-

irmão de Arsínoe II), no chamado massacre de Cassandréia (a cidade da Macedônia onde ela reinava), quando ela estava se casando com ele. Ptolomeu Cerauno governava a Macedônia e a Trácia. Segundo os historiadores, o terceiro filho, Ptolomeu de Telmesso, que tinha aconselhado a mãe a não casar, conseguiu escapar para a Ilíria. Arsínoe conseguiu fugir para Alexandria, no Egito, onde se casou com seu irmão, Ptolomeu II Filadelfo. Não teve filhos com ele.

7) Filoteria, filha de Berenice I e Ptolomeu I Sóter, foi a única filha que não se casou.

Ptolomeu II Filadelfo, filho de Ptolomeu I Sóter e Berenice I, reinou entre 285 e 246 AC. Casou-se com duas mulheres de nome Arsínoe: Arsínoe I (filha de Lisímaco) e Arsínoe II (sua irmã). Ptolomeu II Filadelfo nunca foi, na verdade, herdeiro do trono ptolomaico. Sendo o filho caçula do faraó, estava no último degrau da linha de sucessão, enquanto o primeiro seria ocupado por seu meio-irmão Ptolomeu Cerauno (filho de Ptolomeu Sóter e Eurídice). Mas este foi rejeitado como sucessor pelo pai e se tornou rei da Macedônia em 281 AC, morrendo no ano seguinte durante uma invasão gaulesa. Seu outro irmão, Meleagro, o sucedeu no trono da Macedônia por um curto período. Com Arsínoe I (filha de Lisímaco) Ptolomeu II Filadelfo teve três filhos: Ptolomeu III Evérgeta, Lisímaco e Berenice Sira (chamada também de Berenice Phernophorus, que significa ‘portadora do dote’). Com Arsínoe II (sua irmã), Ptolomeu II Filadelfo não teve filhos.

Esse rei fez um apelo ao sumo sacerdote de Jerusalém para ter uma tradução das Escrituras hebraicas para sua biblioteca real. O sacerdote lhe enviou setenta e dois anciãos a Alexandria com uma cópia oficial da Lei. Ali, em setenta e dois dias, fizeram uma tradução que foi lida perante a comunidade judaica apresentada ao rei. Por causa do número de tradutores, essa tradução tornou-se conhecida como Septuaginta (LXX) ou versão dos setenta. Essa foi a Septuaginta original. A Septuaginta foi escrita em grego koiné (popular).

Ptolomeu III Evérgeta foi o sucessor de Ptolomeu II Filadelfo (filho de sua esposa Arsínoe I – filha de Lisímaco). Governou o Egito entre 246 e 221 AC. Também tomou a Cilícia e conquistou todas as terras até o rio Eufrates (Terceira Guerra Síria ou Guerra Laodiciania). O rei egípcio continuou a política interna de seu pai, colonizando Faium, uma cidade do Médio Egito localizada 130 km a sudoeste do Cairo. Também deu ordem de construção do templo de Hórus (237 AC) e de recuperação de estátuas levadas para fora do Egito durante o período de dominação persa. Em consequência deste feito Ptolomeu recebeu o nome de Evérgeta, o que significa ‘O Benfeitor’. Durante seu reinado houve dois eventos importantes entre Ptolomeu III Evérgeta e a Síria: 1) Ele invadiu a Síria após um incidente com sua irmã Berenice Sira e seu filho (veremos isso mais tarde), no governo de seu contemporâneo, o rei Selêucida Antíoco II Theos (261-246 AC). 2) Dois irmãos e reis selêucidas (Seleuco II Calínico e Antíoco Hierax) brigaram entre si e Antíoco Hierax procurou refúgio com Ptolomeu III Evérgeta; foi preso e escapou, mas foi morto por ladrões quando fugia. Ptolomeu III Evérgeta se casou com Berenice II (filha de Magas de Cirene) e teve três filhos: Ptolomeu IV Filopator, Arsínoe III e Magas. Ele foi sucedido pelo seu filho, Ptolomeu IV.

Ptolomeu IV Filopator (244-205 AC): foi o sucessor de Ptolomeu III Evérgeta após 221 AC. Durante o seu reinado iniciou-se a decadência da dinastia Ptolomaica e, conseqüentemente, do Egito. Ele matou seu pai e sua mãe, ganhando o apelido de Filopator (‘aquele que ama seu pai’) por ironia. Ptolomeu IV também deu ordem a seu

ministro-chefe, Sosíbio, de matar seu irmão, Magas (filho de Ptolomeu III), e seu tio Lisímaco. Ele é retratado pelos autores clássicos como um rei fraco e cruel, que entregou os assuntos de Estado aos seus ministros e conselheiros, como Sosíbio. Em 219 AC o rei Antíoco III Magno conquistou algumas cidades costeiras da Celessíria, ameaçando o domínio ptolemaico nesta região. Ptolomeu e Sosíbio reorganizaram o exército, pela primeira vez desde o domínio ptolemaico, recrutando a população nativa do Egito – Quarta Guerra Síria (219-216 AC). Ele voltou a se confrontar com o rei Selêucida Antíoco III Magno em 217 AC na batalha de Ráfia (ou batalha de Gaza), ao sul da Palestina, onde o Egito prevaleceu. Em 210 AC ele se casou com Arsínoe III (sua irmã), com a qual teve um filho e sucessor: Ptolomeu V Epifânio, que veio a se casar com Cleópatra I, filha de Antíoco III Magno (o rei Selêucida) para selar um acordo político. Após a sua morte, Sosíbio e Agátocles ordenaram a morte de Arsínoe III, que estava se preparando para governar como regente na menoridade do seu filho. Sosíbio e Agátocles (seus dois ministros) morreram pelas mãos do povo, linchados, quando as pessoas souberam das circunstâncias da morte de Arsínoe III.

Ptolomeu V Epifânio (210-181 AC) reinou a partir de 205 AC, após a morte de seu pai. Alguns historiadores dizem que ele se tornou rei aos cinco anos de idade, tendo um testamento falsificado onde Sosíbio e Agátocles (seus dois ministros) eram considerados seus guardiões. Após a morte deles, Ptolomeu V ficou aos cuidados de Oenante, mãe de Agátocles.



Esta situação confusa foi aproveitada pelo rei selêucida Antíoco III Magno para atacar cidades da Celessíria – Quinta Guerra Síria (202-195 AC). A Celessíria ou Coele-Síria é a região ao norte da Síria, mais tarde tomada pelos Romanos e Partas. Por intervenção romana, a paz foi feita através do casamento de Cleópatra I, filha de Antíoco III Magno, com Ptolomeu V.

Durante o reinado de seu pai um rei núbio do sul do Egito iniciou um movimento separatista do seu território do império Ptolomaico, mas Ptolomeu V conseguiu acabar

com ele. Com Cleópatra I, ele teve três filhos: Ptolomeu VI Filometor (que significa ‘aquele que ama sua mãe’), Ptolomeu VIII Evérgeta II (ou Ptolomeu VIII Fiscon, que significa ‘barrigudo’, ‘grande ventre’; seu nome de nascimento era Ptolomeu Neótero) e uma filha, Cleópatra II. Ptolomeu VI Filometor e Cleópatra II eram irmãos e casados, como era habitual para os faraós, pois os reis gregos Ptolomaicos tinham adotado muitos costumes dos faraós. Houve rivalidade entre os dois irmãos Ptolomeu VI Filometor e Ptolomeu VIII Evérgeta II. Ptolomeu VI Filometor (ou Eupator) ficou como sucessor de Ptolomeu V Epifânio.

Ptolomeu VI Filometor (reinado: 180-145 AC) governou em co-regência com a mãe Cleópatra I (após a morte de seu pai) até a morte desta em 176 DC (o novo regente tinha seis anos de idade na época). Depois, ele ficou sob tutela de dois conselheiros da corte, que o incitaram a invadir a Celessíria. Casou-se com sua irmã Cleópatra II, mais ou menos em 175 ou 173 AC e teve filhos: Cleópatra III, Cleópatra Téia, Ptolomeu Eupator e Ptolomeu VII Novo Filopator. Em 170 AC Ptolomeu VI Filometor quis colocar seu irmão Ptolomeu Fiscon (mais tarde chamado Ptolomeu VIII Evérgeta II) como co-regente, junto com sua irmã e esposa Cleópatra II. Mas neste mesmo ano, seu tio Antíoco IV Epifânio invadiu o Egito e o prendeu (Sexta Guerra Síria – 170-168 AC). Assim, de 170 a 163 AC a nação foi governada pelo irmão de Ptolomeu VI Filometor, Ptolomeu VIII Evérgeta II, escolhido pelo povo de Alexandria como rei. Em 164 AC Ptolomeu VI foi expulso da capital egípcia Alexandria e se refugiou em Roma, que resolveu intervir na disputa entre os dois irmãos, colocando Ptolomeu VI Filometor como rei do Egito e Ptolomeu VIII Evérgeta II como rei da Cirenaica (costa oriental da Líbia), mas este também exigiu o domínio da ilha de Chipre. Ptolomeu VI Filometor o impediu de conseguir isso, mas temendo a reação de Roma, deixou o irmão reinar sobre a Cirenaica e lhe deu uma filha em casamento, Cleópatra Téia. Entretanto, ela veio a se casar com um usurpador do trono Selêucida, Alexandre Balas, cujo objetivo era matar Ptolomeu VI Filometor também, como fez com o filho legítimo de Seleuco IV Filopator: Demétrio I Sóter. O sucessor legítimo deste era seu filho Demétrio II Nicator. Assim, Ptolomeu VI Filometor considerou inválido o casamento de sua filha com Alexandre e a entregou a Demétrio II Nicator. Diante dessa situação tão conturbada, os habitantes de Antioquia e o exército selêucida pediram a Ptolomeu VI Filometor que se tornasse o novo rei selêucida, mas ele não aceitou a oferta.

Ptolomeu VIII Evérgeta II (ou Ptolomeu VIII Fiscon; Fiscon = ‘barrigudo’, ‘grande ventre’) governou em 2 períodos (170-163 AC e 145-116 AC). O primeiro período do seu reinado se refere ao período em que seu irmão e rei egípcio Ptolomeu VI Filometor foi feito prisioneiro pelo tio, Antíoco IV Epifânio. Durante este tempo ele reinou com sua irmã e cunhada, Cleópatra II. Com a morte de Ptolomeu VI, Ptolomeu VIII Evérgeta II tentou tomar o trono se casando com a irmã Cleópatra II que tentava assegurar os interesses do filho, Ptolomeu VII Novo Filopator, nomeado regente pelo pai. Em 145 AC, no dia do seu casamento com Cleópatra II, Ptolomeu VIII matou o sobrinho (Ptolomeu VII Novo Filopator). Mais tarde, ele repudiou a irmã e esposa para se casar com a filha desta, sua sobrinha Cleópatra III, que lhe deu dois filhos: Ptolomeu IX Sóter II e Ptolomeu X Alexandre I, além de três filhas: Cleópatra IV, Cleópatra Selene I e Trífena. Enquanto era viúva de Ptolomeu VI Filometor, Cleópatra II era apoiada tanto pelos judeus como pelos intelectuais de Alexandria, que foram perseguidos por Ptolomeu VIII Evérgeta II. Assim, houve uma divisão de popularidade entre o rei e a rainha, pois uns cidadãos apoiavam Cleópatra II e outros, Ptolomeu VIII Evérgeta II. Por isso, em 131 AC, ele fugiu para Chipre com Cleópatra III, sua sobrinha

e esposa. Enquanto estava no exílio, ele soube que suas estátuas estavam sendo destruídas. Com inveja de Cleópatra II e, por represália, ele mata o único filho de ambos (Ptolomeu Menfita – com 12 anos de idade na época. Alguns historiadores dizem que sua identidade ainda não foi provada, ou que ele e Ptolomeu Eupator são a mesma pessoa), enviando os pedaços da criança à rainha no dia do seu aniversário. Em 127-126 AC, Ptolomeu VIII Evérgeta II conseguiu reconquistar o Egito, se reconciliando com Cleópatra II. Os três governaram em conjunto a partir de 124 AC e até a morte de Cleópatra II. Demétrio II Nicator tentou invadir o Egito, mas Ptolomeu VIII Evérgeta II lhe resistiu. Cleópatra II, que era mãe de Cleópatra Téia e, portanto, sogra de Demétrio II Nicator havia lhe prometido o trono do Egito. Demétrio II Nicator foi derrotado numa batalha perto de Damasco e tentou fugir para Tiro, mas sua entrada foi negada ali e ao tentar fugir ele foi morto (125 AC). Antes de morrer, Ptolomeu VIII Evérgeta II concedeu o poder a Cleópatra III e aos dois filhos que teve com ela de escolher qual seria o rei: Ptolomeu IX Sóter II ou Ptolomeu X Alexandre I. Os registros históricos mostram que Ptolomeu IX Sóter II reinou duas vezes (116-107 AC e 88-80 AC). Ptolomeu X Alexandre I reinou durante 107-88 AC. Ptolomeu IX Sóter II se casou com suas duas irmãs Cleópatra IV e Cleópatra Selene I e teve uma filha (Cleópatra, também chamada de Cleópatra Berenice III), que se casou com o tio Ptolomeu X Alexandre I.

A partir daí, os governantes Ptolomaicos foram (ver tabela no final do texto):

Ptolomeu IX Sóter II (116-107 AC)

Ptolomeu X Alexandre I (107-88 AC)

Ptolomeu IX Sóter II (88-80 AC)

Ptolomeu XI Alexandre II (80 AC)

Ptolomeu XII (80-51 AC)

Cleópatra VII (51-30 AC)

Ptolomeu XIII (51-47 AC) – co-regência com a irmã Cleópatra VII

Intervenção da República Romana no Egito – Júlio César – 47-46 AC

Ptolomeu XIV (47-40 AC) – co-regência com a irmã Cleópatra VII

Ptolomeu XV César (Cesarion = pequeno César – 44-30 AC)

Término da República Romana e início do Império Romano – 31/29 AC

Dinastia Selêucida:

Seleucos I ou Seleuco I Nicator, (Grego Antigo: Nikátōr, ‘o vencedor, o vitorioso’) fundador da dinastia Selêucida, governou a região da Turquia Ocidental e Oriental (antigamente chamada de Anatólia), Síria, Iraque, Irã, Pérsia, Afeganistão, Paquistão e partes da Índia; depois a dinastia Selêucida alcançou domínio sobre o Líbano e Israel por volta de 168-166 AC. Seleucos I estabeleceu-se na Babilônia em 312 AC, ano que geralmente define a data da fundação do Império Selêucida. Ele governou, como sátrapa (desce 323 AC), não somente a Babilônia, mas a gigantesca parte oriental do império de Alexandre. Na parte norte da Síria ele fundou a cidade de Antioquia (Antioquia da Síria), em homenagem a seu pai Antíoco (um grande general durante o império de Filipe II da Macedônia e seu filho Alexandre, o Grande). Seleuco I era filho único. Sua mãe se chamava Laódice. Seleuco I nasceu em 358 AC e morreu assassinado em 281 AC por Ptolomeu Cerauno logo ao chegar ao continente europeu. Seu reinado vai de 323 a 281 AC (323-305 AC como sátrapa e 305-281 AC como rei). Foi sucedido por seu filho Antíoco I Sóter (281-261 AC).



Desde o governo de Filipe II da Macedônia (pai de Alexandre, o Grande), foram fundadas quatro cidades importantes na Ásia, com a participação de Antíoco (seu general; o pai de Seleuco Nicator) e Seleuco I Nicator: Antioquia da Turquia, Selêucia ('Selêucia Piéria' – fundada por Seleuco I Nicator ao norte da desembocadura do rio Orontes, na Síria), Apaméia (cidade da Síria a 50 quilômetros do rio Orontes, fundada por Seleuco I Nicator em homenagem à sua esposa Apama) e Laodicéia, muito provavelmente se referindo à cidade de Laodicéia do Lico (o rio Lico), uma cidade da Frígia e Lícia na Ásia Menor a 60 km a leste de Éfeso.



As ruínas de Laodicéia

Antes, a cidade era chamada de Dióspole (Diospolis, a cidade de Zeus) e Rhodas (Rhodas), mas quando foi reconstruída, recebeu este nome em homenagem a Laódice, esposa de Antíoco II Teos (na verdade, foi ele quem a reconstruiu, por volta de 261-253

AC), o neto de Seleuco I Nicator. O local encontra-se atualmente deserto, e é chamado pelos turcos de Eski-hissar, ‘castelo velho’.

Seleuco I Nicator teve duas esposas: Apama e Estratonice (filha de Demétrio I Poliorcetes, filho de Antígono). Com Apama, ele teve três filhos: Apama, Laódice e Antíoco I Soter. Mais tarde, após a morte de Apama, Seleuco conheceu Estratonice, com quem teve uma filha: Fila.

Seleuco I Nicator era um sátrapa no tempo de Alexandre o grande. Em língua persa, sátrapa (khshathrapâvan) significa: ‘protetor do poder [sobre o território]’ ou ‘protetor do reino’, e era o nome dado aos governadores das províncias, chamadas satrapias, nos antigos impérios Aquemênida e Sassânida da Pérsia. Em outras palavras, sátrapas eram vice-reis investidos de considerável poder, e possuíam suas próprias cortes. Cada satrapia era governada por um sátrapa, que era nomeado pelo rei. Seleuco I Nicator foi afastado de sua satrapia em 316 AC por Nicanor, um general de Antígono Monoftalmo. Em 312 AC, ele voltou à Babilônia, fundando a dinastia selêucida, e em 305 AC já havia conseguido colocar todas as satrapias do império oriental sob seu domínio. Seu reinado atingiu uma extensão de 3.750.000 quilômetros quadrados, e uma população de 15 milhões de pessoas. Não apenas Seleuco como todos os demais Diádocos procuravam alianças com as classes mais privilegiadas dessas regiões (mercadores, grandes proprietários de terras, sacerdotes etc.), pois tinham riquezas e prestígio e poderiam ajudá-los a governar em paz e com autoridade as populações não helênicas, uma vez que os imigrantes de origem grega se resumiam apenas a 10% da população. Na batalha de Ipso (301 AC) descrita anteriormente, onde todos os Diádocos se coligaram para derrubar o reinado de Antígono e seu filho Demétrio I Poliorcetes, Seleuco acabou por sedimentar seu poder no leste da Ásia Menor sobre grande parte do território de Antígono, enquanto os outros três generais dividiam o império de Alexandre: Ptolomeu ganhou o Egito e Lisímaco recebeu a Trácia e o restante da Ásia Menor que se estendia até o Rio Hális (ao norte da Turquia). Ptolomeu não reivindicou nenhum outro ganho territorial além do Egito e do reconhecimento da tomada das cidades-porto fenícias. Também estava muito contente com o fim das guerras por posse de territórios. Cassandro, por não haver tomado iniciativa militar no confronto, recebeu quase nada da partilha, e se contentou com a Macedônia e em tomar a parte da Grécia que Demétrio I Poliorcetes havia tomado em 307 AC, quando havia expulsado o governante de Atenas. Seleuco integrou o restante da Mesopotâmia e a Síria ao seu enorme território, ganhando a porção mediterrânea do território Sírio (já conquistada por Antíoco seu pai), que era importante região comercial e tinha população numerosa.

Como foi dito a respeito de Lisímaco, vendo que Seleuco era mais forte ele se aliou a Ptolomeu I Sóter, se divorciou de Amestris e se casou com a filha de Ptolomeu, Arsínoe II do Egito, por volta de 300-299 AC. Mas aqui também houve um interesse por parte de Ptolomeu. Por isso, ele fez este acordo com Lisímaco através do casamento de sua filha. Ele queria derrotar a marinha de Demétrio em Chipre (pois temia a tomada das possessões fenícias por Seleuco) e conquistar as cidades do Egeu, a fim de dominá-las.

Assim, Seleuco I Nicator, isolado e ladeado por inimigos, recorreu ao seu antigo inimigo Demétrio I Poliorcetes e tomou sua filha Estratonice como esposa (298 AC), realizando o casamento em um grande navio construído por Demétrio para consolidar o pacto de sua marinha com o império Selêucida. Só que mais tarde (por volta de 296 AC), vendo a expansão da força naval de Demétrio no Mar Egeu, Seleuco voltou a se unir com Lisímaco para expulsar Demétrio da Cilícia, que acabou recuando para Chipre. Com a morte da Cassandro, seus dois filhos adolescentes (Antípatro II e Alexandre V) ficaram com o domínio da Macedônia, dividindo-a em duas regiões administrativas.

Isso a fragilizou e abriu caminho para Demétrio que, com a ajuda de inimigos, entrou em Atenas em 295 AC e a tomou. Nos anos que se seguiram, Demétrio começou a mostrar sua ambição abertamente, o que provocou muitas guerras pelo controle da Macedônia e Grécia, principalmente sobre Corinto e Atenas, com a participação dos demais Diádocos e de Pirro, rei de Épiro. Depois de muitas derrotas inesperadas e muitas humilhações, Demétrio I Poliorcetes abdicou em favor de seu filho Antígono II Gônatas e morreu vítima de doença. Antígono Gônatas foi apelidado de Gônatas por ter nascido (319 AC) e sido criado em Gonnoi na Tessália (uma região que faz fronteira com a Macedônia, Épiro, Grécia central e Mar Egeu), a menos que Gônatas seja derivado do nome de uma chapa de ferro (Gonu) protegendo os órgãos genitais (no grego antigo, gonatos). Antígono II Gônatas faleceu com oitenta e três anos de idade e foi sucedido por seu filho Demétrio (o mesmo nome de seu falecido avô). Seleuco I Nicator matou Lisímaco na batalha de Corupédio (Corupedium) e, no final de sua vida, quis tomar posse da Macedônia e Trácia, mas no caminho foi assassinado por Ptolomeu Cerauno, perto de Lisimáquia (atual Grécia) em setembro de 281 AC.

Seleuco I Nicator foi sucedido por seu filho **Antíoco I Sóter** (reinado: 281-261 AC). Antíoco I Sóter era filho de Seleuco I Nicator com sua mulher Apama. Ele reinou sobre a parte oriental do império (que correspondia ao território entre o Mar Cáspio e a Índia) entre 292-281 AC, e depois (281-261 AC) sobre a totalidade dele. Por volta de 294-293 AC (antes do seu reinado) ele se casou com a outra mulher de seu pai, Estratonice, e teve três filhos: Antíoco II, Estratonice e Apama. Após a morte de Seleuco I Nicator, ele voltou a fazer acordo de paz com o assassino de seu pai (Ptolomeu Cerauno, rei da Macedônia e filho de Ptolomeu I Sóter). Assim, ele conseguiu resistir às revoltas internas no seu reino por parte da Síria e do norte da Ásia Menor. Por volta de 275 AC Antíoco I Sóter derrotou os Gálatas, um povo nômade que veio para destruir as cidades da Iônia ou Jônia (a região a sudoeste da Turquia). Por ter poupado estas cidades da destruição dos Gálatas, ele recebeu o título de Sóter ('Salvador'). Ele foi constantemente atacado por seu inimigo da dinastia Ptolmaica, Ptolomeu II Filadelfo, e em 279 AC perdeu para este a cidade de Mileto, na Jônia. Anos mais tarde, ele repeliu uma invasão egípcia ao norte da Síria (Primeira Guerra Síria – 274-271 AC), mas nos anos posteriores perdeu a Fenícia para os egípcios (273-272 AC). Por sua vez, Pérgamo (na Ásia Menor, atual Turquia) se rebelou contra o domínio Selêucida em 266-261 AC e lutou pela sua independência, colocando o rei Eumenes I como seu governante. Na luta contra os Gálatas em 261 AC, Antíoco I Sóter veio a falecer. Antíoco II subiu ao poder após a morte do pai com o nome de Antíoco II Theos.

Antíoco II Theos ('Deus') reinou no período de 261-246 AC, subindo ao poder com 26 anos. Antíoco II Theos era filho de Antíoco I Sóter e Estratonice. Suas irmãs, Estratonice e Apama se casaram, respectivamente, com Demétrio II da Macedônia (filho de Antígono Gônatas e neto de Demétrio Poliórcetes) e Magas de Cirene (filho do primeiro casamento de Berenice I e enteado de Ptolomeu I Sóter). Magas era meio-irmão de Ptolomeu II Filadelfo (filho legítimo de Berenice I e de Ptolomeu I Sóter) e teve uma filha com Apama, também chamada Berenice. Antíoco II Theos teve um irmão mais velho chamado Seleuco, que segundo as fontes históricas, morreu cedo, provavelmente executado por traição. Antíoco II Theos aliou-se ao rei da Macedônia Antígono Gônatas na luta contra o Egito (Ptolomeu II Filadelfo) pela disputa da Síria, durante a Segunda Guerra Síria (260-253 AC). Houve seis Guerras Sírias entre o império Selêucida e o Ptolomaico durante os séculos III e II AC (274-168 AC) na região ao norte da Síria, chamada de Celessíria (ou Cele-Síria), mais tarde tomada pelos Romanos e Partas. Assim, Antíoco conseguiu recuperar uma grande parte da Ásia

Menor, incluindo as cidades de Éfeso e Mileto, além de reconquistar a costa Fenícia, perdida para egípcios no reinado de seu pai. Na guerra em Mileto, por ter vencido o tirano que ali governava, ele ficou conhecido pelos cidadãos como um deus, por isso, o nome 'Theos' acrescentado ao seu nome de nascimento.

Antíoco II Theos teve como primeira esposa Laódice, em cuja homenagem fundou a cidade de Laodicéia. Não se encontra informações sobre ela; apenas que seu pai se chamava Aqueu e que ela teve 2 filhos e 2 filhas com Antíoco II Theos: Seleuco II Calínico, Antígono Hierax (Também conhecido por Antíoco Hierax). As filhas têm nomes apenas cogitados por alguns cidadãos da Babilônia daquela época: Apama e Laódice. Mais tarde, porém, para selar a paz com o Egito na Segunda Guerra Síria, ele veio a se casar com Berenice Sira, filha de Ptolomeu II Filadelfo e Arsínoe I (filha de Lisímaco), e irmã de Ptolomeu III Evérgeta e Lisímaco. Por isso, Antíoco II Theos se divorciou de Laódice, transferindo a sucessão para o filho de Berenice Sira. Laódice foi enviada para o exílio em Éfeso, onde continuou a fomentar intrigas a fim de recuperar a coroa. Em 246 AC, com a morte de Ptolomeu II Filadelfo do Egito, Antíoco II Theos repudiou Berenice, deixando sozinha com seu filho Antíoco em Antioquia, e tomou Laódice de volta como esposa e rainha. Com medo de que o marido mudasse de idéia novamente, Laódice envenenou Antíoco II Theos, e entregou Berenice e seu filho para serem mortos por Icádio e Geneu, líderes de Antioquia. Este incidente deu início à Terceira Guerra Síria (246-241 AC), contra o irmão de Berenice Sira, Ptolomeu III Evérgeta, agora o rei Ptolomaico. Este voltou a invadir a Síria após o incidente com sua irmã e com seu sobrinho. Antíoco II Theos faleceu por doença em Éfeso em 246 AC, com a idade estimada de 40 anos ou, segundo outras fontes, envenenado por Laódice. Foi sucedido por seu filho Seleuco II Calínico (reinado: 246-225 AC), nomeado pela própria mãe Laódice. Seu outro filho, Antíoco Hierax, tinha a alcunha de 'falcão', por causa de seu caráter ambicioso, e tentou reinar sobre alguns territórios, mas depois de uma guerra contra seu irmão, este procurou refúgio com Ptolomeu III. Foi preso e escapou, mas foi morto por ladrões quando fugia. Há pouquíssimas informações históricas sobre Seleuco II Calínico e sobre seu reinado. Seleuco II Calínico foi sucedido por seu filho **Seleuco III Cerauno**.

Seleuco III Cerauno (243-223 AC) tinha o nome de Alexandre (nome de nascimento). Seus avós paternos eram Antíoco II Theos e Laódice, pais de Seleuco II Calínico e Antíoco Hierax. O irmão de Seleuco III Cerauno era Antíoco III Magno. Alexandre sucedeu a seu pai e tomou o nome de Seleuco III Cerauno, sendo que Cerauno significa 'trovão', por causa de suas tropas. Após três anos de reinado (225-223 AC) Seleuco III Cerauno foi atacado à traição e morto na Frígia. Ele foi sucedido por seu irmão **Antíoco III**, também chamado **Antíoco III Magno ou Antíoco, o Grande**, que começou a reinar em 223 AC.

Antíoco III, também chamado Antíoco III Magno ou Antíoco, o Grande, viveu por 54 anos (241-187 AC), e seu reinado foi entre 223-187 AC. Durante o reinado de seu irmão Seleuco III Cerauno, Antíoco III foi um sátrapa da Babilônia. Ele casou com Laódice, filha do rei Mitrídates II do Ponto, formando assim uma aliança com este poderoso reino. Ele teve três filhos com Laódice: Seleuco IV Filopator, Cleópatra I e Antíoco IV Epifânio. O reino do Ponto ficava situado ao norte da Anatólia (Turquia), na costa sudeste do Mar Negro. Era chamado de Ponto Euxino pelos jônios (gregos) que exploraram a região e a colonizaram no período de 1000-800 AC. Seu objetivo era reconquistar a Síria e partes da Palestina, por isso lutou contra o reino Ptolomaico (Ptolomeu IV Filopator), na Quarta Guerra Síria (219-216 AC), mas foi derrotado em

217 AC na batalha de Ráfia, perto de Gaza. Seguiu-se um novo acordo de paz com o Egito.



Antíoco III Magno ou Antíoco, o Grande



Batalha de Ráfia

Após a morte de Ptolomeu IV Filopator em 205 AC, Antíoco III Magno e o rei Filipe V da Macedônia fizeram um acordo para dividir o império Ptolomaico. Antíoco ficaria com o sul da Síria, a Lícia, a Cilícia e Chipre, enquanto que Filipe receberia a parte ocidental da Ásia Menor e as Cíclades (ilhas no sul do Mar Egeu). Após ter derrotado Ptolomeu IV Filopator na Batalha de Pânias (também conhecida como Paneion, ou Paneas ou Panium), próxima a Banias (noroeste da Síria) em 200 AC, Antíoco III Magno se apoderou do Egito, da Palestina e da Celessíria. Antíoco garantiu aos judeus a liberdade de culto e permitiu-lhes cobrar impostos destinados ao templo de Jerusalém. Seu aliado Filipe V, entretanto, envolveu-se em conflitos com Pérgamo e Rodes, que pediram ajuda a Roma. Antíoco (em 198 AC) invadiu partes do reino de Pérgamo, e em 196 AC, a Trácia. Esta invasão o levou a problemas com Roma, que exigia a retirada de Antíoco da Europa, o que este se recusou a fazer. A situação piorou

quando Antíoco III Magno acolheu em sua corte um inimigo de Roma derrotado na Segunda Guerra Púnica (218-201 AC), o general e estadista Cartaginês Aníbal (seu nome significa: ‘Baal foi bondoso’, ou ‘Graça de Baal’, ou ainda, ‘Baal é meu senhor’). Quem o havia derrotado foi Públio Cornélio Cipião Africano, chamado ‘o Velho’, um general e estadista da República Romana (período de vida: 236-183 AC). Guerras Púnicas foi uma série de três conflitos entre a República Romana e a República de Cartago, uma cidade-estado fenícia ao norte da África (entre 264-146 AC), disputando o domínio sobre o Mar Mediterrâneo. Os romanos chamavam os cartagineses de Punici, originado do nome ‘Poenici’, ou seja, de ascendência fenícia.

Por outro lado, seu antigo aliado Filipe V foi derrotado pelos Romanos na Segunda Guerra da Macedônia, tendo Antíoco se recusado a ajudá-lo. Em vez disso, decidiu atacar o Egito novamente, que não podia ser ajudado pelos Romanos. Depois de ter sido alcançada a paz com o Ptolomeu V Epifânio, o reino Selêucida anexou definitivamente o sul da Síria e os territórios egípcios da Ásia Menor (Quinta Guerra Síria – 202-195 AC). A paz com Ptolomeu V Epifânio (reinado: 203-181 AC) foi alcançada através do casamento da filha de Antíoco III Magno, Cleópatra I, com o rei egípcio. A mãe de Cleópatra I era Laódice III. A jovem nasceu na Síria, e em 193 AC na Palestina se casou com Ptolomeu V Epifânio. Este casamento foi arranjado quando Cleópatra I era ainda uma criança, pois Antíoco III Magno tinha interesse no acordo com o Egito, pois estava vendo a ascensão de Roma. Como dote de casamento ele concedeu ao rei egípcio a região da Cele-Síria. Mais tarde, o filho de Antíoco III Magno e irmão mais novo de Cleópatra I, Antíoco IV Epifânio (‘Ilustre’), entrou em guerra contra o filho da união entre sua irmã e o rei egípcio, ou seja, contra seu sobrinho Ptolomeu VI Filometor, e negou que este acordo tinha existido (Sexta Guerra Síria – 170-168 AC). Em 191 AC, Antíoco III Magno foi derrotado pelos romanos nas Termópilas (na Grécia), abandonando a Europa. Mas se recusou a deixar a região a oeste das montanhas do Taurus (nas montanhas da Ásia, a sudeste da Turquia), sendo vencido definitivamente em 189 AC na batalha de Magnésia (nas planícies da Lídia, atual Turquia). Através do tratado de Apaméia, ele foi obrigado a abandonar a Europa por completo e toda a Ásia a oeste do Taurus; só poderia ter doze navios de guerra com a finalidade de manter seus súditos sob controle (embora pudesse ter mais se fosse atacado). Ele foi obrigado a pagar 15 mil talentos a Roma, a ceder os elefantes que tinha no exército e a entregar o seu filho Antíoco IV Epifânio como refém junto com mais dezenove pessoas (vinte pessoas a cada três anos). Alguns historiadores dizem que Antíoco III Magno e vários nobres foram mortos em batalha em Susa em 187 AC. Outros dizem que ele foi assassinado num templo de Baal, quando tentava conseguir parte do dinheiro que tinha que pagar aos Romanos. Seu filho **Seleuco IV Filopator** reinou em seu lugar no período de 187-175 AC.

Seleuco IV Filopator (do Grego, ‘que ama a seu pai’), filho de Antíoco III Magno, reinou em seu lugar no período de 187-175 AC. Embora o império que herdou não fosse tão grande como o de seu pai antes da guerra contra Roma (190-189 AC), ele ainda era de tamanho considerável consistindo da Síria (incluindo a Cilícia e a Palestina), Mesopotâmia, Babilônia, Pérsia e Média. Casou sua filha Laódice com o rei macedônio Perseu. No mesmo ano, ele enviou seu filho Demétrio I Sóter como refém a Roma; em contrapartida, seu irmão, Antíoco IV Epifânio voltou de lá. Em 175 AC, pressionado pelas necessidades financeiras, ele deu ordem ao seu comandante Heliodoro para cobrar impostos no templo de Jerusalém a fim de pagar a compensação de guerra exigida por Roma, mas este encontrou oposição do sumo sacerdote e retornou. No mesmo ano, Seleuco IV Filopator foi assassinado (envenenado) por Heliodoro. Ele tinha 60 anos

quando morreu. Como o verdadeiro herdeiro Demétrio I Sóter, filho de Seleuco IV Filopator, estava sendo mantido como refém em Roma, uma criança, Antíoco, outro filho de Seleuco IV Filopator, foi formalmente o rei por alguns anos até que seu irmão mais novo Antíoco IV Epifânio, que havia passado 14 anos em Roma como refém, o matou. Ao retornar de Roma, matou também Heliodoro e subiu ao trono selêucida (reinado: 175-164 AC).

Antíoco IV Epifânio (215-162 AC) – Antíoco Epifânio (‘que se manifesta com esplendor’ ou ‘ilustre’) era filho de Antíoco III Magno e Laódice, e seus irmãos eram: Seleuco IV Filopator e Cleópatra I. Governou a Síria entre 175-164 AC, e morreu em 162 AC com 53 anos de idade. Após a derrota de seu pai em 189 AC na batalha de Magnésia contra os romanos, Antíoco IV Epifânio viveu 14 anos como exilado em Roma até 175 AC. Ele se envolveu na **Sexta Guerra da Síria** contra o Egito (170-168 AC) e seus reis, os irmãos Ptolomeu VI Filometor e Ptolomeu VIII Evérgeta II, conquistando a estratégica cidade de Pelúcio (foi uma antiga cidade do Baixo Egito, situada no extremo nordeste do delta do Nilo, na desembocadura mais oriental do Nilo, em território tradicionalmente egípcio). Ele tentou uma segunda expedição contra o Egito para tomar Alexandria em 168 AC, mas interrompida por intervenção de Roma, que enviou o cônsul Caio Popílio Lenas para Alexandria. Antíoco IV, que já havia tomado Chipre e Mênfis, voltou para Alexandria, mas se encontrou com o cônsul romano em Elêusis, nas cercanias da capital. Elêusis era uma cidade grega antiga, cheia de misticismo e muito ligada à mitologia grega. Ali, Caio Popílio Lenas lhe deu um ultimato em nome do senado romano para que ele saísse imediatamente de Chipre e do Egito. A História diz que nesse dia, Popílio pegou uma cana de açúcar, traçou um círculo na areia ao redor de Antíoco (que tentava ganhar tempo) e ordenou-lhe não sair dele até tomar uma decisão. Antíoco optou por obedecer. O ‘Dia de Elêusis’ pôs fim à Sexta Guerra Síria e às esperanças de Antíoco de conquistar território egípcio.

Depois deste episódio, Antíoco centrou a sua atenção na Judéia, procurando também levar o helenismo para lá e anexá-la a Roma. Durante o reinado do seu pai Antíoco III Magno, foi concedida ampla autonomia religiosa aos judeus que se encontravam divididos em dois partidos, um dito ‘piedoso’ e outro que favorecia a helenização e a romanização, sendo este último mais rico e composto por pessoas mais importantes diante da sociedade. Antíoco apoiou este último partido. Em 168-167 AC, na volta da guerra contra o Egito, Antíoco IV Epifânio conquistou Jerusalém, que passou a ser permanentemente controlada por soldados. Ali, Antíoco IV cometeu sacrilégio matando um porco (animal imundo) no altar. Ele procurou estabelecer o helenismo à força, instituindo como lei a destruição dos exemplares das Escrituras e proibindo o culto judaico: a observância do shabbat, as proibições alimentares e até a circuncisão. No Templo de Jerusalém foi instalada uma estátua do deus grego Zeus (Júpiter para os romanos). Esta situação (romanização e helenização da Judéia) gerou descontentamento entre os judeus fiéis como Matatias e seus filhos: João, Simão, Judas (o macabeu), Eleazar e Jônatas (a família Hasmoneana, conhecida como Macabeus). Eles viviam num vilarejo chamado Modiín. A revolta, que começou com um ato forçado de idolatria imposto por um general grego, se transformou numa guerra, onde Matatias faleceu já em idade avançada (166 AC), e seu filho, Judas Macabeu, foi nomeado general. Os Macabeus expulsaram as tropas de Antíoco IV de Jerusalém. Judas queria retomar Jerusalém para purificar o templo. Mas, ao chegar ao templo sagrado, encontrou apenas desolação, ruínas, ídolos e estátuas por toda parte. A profecia de Daniel (Dn 8: 14) estava se referindo ao tempo decorrido desde a profanação do templo por Antíoco IV Epifânio, rei Selêucida até sua purificação por Judas Macabeu.

A revolta dos Macabeus durou de 167 AC a 160 AC, ou seja, 2.300 dias, mais precisamente, 6 anos, 3 meses e 18 dias. Judas Macabeu faleceu e foi sucedido por seu irmão Jônatas, que se tomou sumo sacerdote em Jerusalém. O rei selêucida chegou ao termo do seu reinado no ano 164 AC, com uma doença grave (Cogita-se que um câncer, uma doença ‘sem socorro’), vindo a falecer em 162 AC. Foi sucedido por Antíoco V Eupator, seu filho (164-162 AC). Para Israel já havia começado o Período Hasmoneano (ou Asmoneu; 167-63 AC).

Antíoco V Eupator (173-162 AC) reinou após Antíoco IV Epifânio (seu pai), entre 164-162 AC. O nome Eupator significa ‘nascido de bom pai’. Começou a reinar quando tinha apenas nove anos de idade (alguns historiadores dizem doze anos). Tinha uma irmã chamada Laódice VI. Em 163 AC os romanos o reconheceram como rei, em oposição a Demétrio I Sóter seu primo, que estava vivendo como refém em Roma. Lísias, seu tutor, tornou-se governador da Celessíria e da Fenícia. Em 162 AC Lísias formou um exército para atacar os judeus, dando continuidade à guerra de Antíoco IV Epifânio. Acompanhado do rei, saiu contra a Judéia e conquistou uma vitória sobre o pequeno grupo de Judas Macabeu na Batalha de Bete-Zacarias. Contudo, quando Lísias soube do regresso de Filipe da Pérsia e da Média (ele era o regente oficial de Antíoco V, mas pretendia assumir o governo), fez a paz com os judeus e concedeu-lhes a liberdade de culto. Em 162 AC, Lísias e Antíoco V Eupator foram assassinados por soldados do exército que apoiavam Demétrio I Sóter, filho de Seleuco IV Filopator e que havia regressado do seu exílio em Roma, reivindicando o trono do reino selêucida. Depois de matar o rei Antíoco V Eupator, (164-162 AC), seu primo (filho de Antíoco IV Epifânio), Demétrio I Sóter se estabeleceu como rei do trono sírio (161-150 AC), mas não pôde ganhar a simpatia dos romanos. Um usurpador do trono Selêucida, **Alexandre Balas**, acabou por matá-lo e subiu ao poder (150-145 AC).

O sucessor legítimo de Demétrio I Sóter era seu filho **Demétrio II Nicator**. Em nova batalha entre o reino Selêucida e o Ptolomaico em Antioquia (145 AC), Ptolomeu VI Filometor morreu, Demétrio II Nicator sobreviveu, e Alexandre Balas também foi morto, caindo de um cavalo fraturando o crânio (algumas versões dizem outra coisa: que Alexandre teve a cabeça cortada pelos Nabateus quando ele tentou fugir de Ptolomeu VI Filometor, pois os Nabateus queriam paz com o Egito). Demétrio II Nicator subiu ao poder (144-125 AC), mas logo depois, o general Diódoto Trífon, protetor do filho de Alexandre Balas (Antíoco VI Dionísio) entrou em Antioquia, e o menino com três anos de idade na época foi coroado o rei da Síria (144 AC). Demétrio II Nicator, incapaz de retomar a capital, se estabeleceu na Selêucia. Dois anos depois, o general Diódoto Trífon depôs Antíoco VI Dionísio e se sentou no trono da Síria, como mais um usurpador, reinando entre 142 e 139 AC. A disputa pelo trono continuou entre ele e Demétrio II Nicator. Em 139 AC, porém, este foi forçado a entrar em guerra contra os Partas. A Pártia era um reino que englobou a Média e a Pérsia. Mitrídates I (o rei) tomou Demétrio como prisioneiro; e a província selêucida da Babilônia se tornou parte da Pártia. Na Síria, porém, o general Trífon foi deposto pelo irmão de Demétrio II Nicator, Antíoco VII Evérgeta (ou Sideta), que também se casou com Cleópatra Téia (a cunhada) e reinou no período de 139-129 AC. Ele era conhecido como Sideta, em referência a Sida, cidade da Ásia Menor (atual Turquia), onde ele foi criado. Mitrídates I manteve Demétrio II Nicator vivo, e o casou com uma princesa Parta chamada Rhodogune, com quem ele teve filhos. Entretanto, ele tentou escapar do exílio, mas não conseguiu. Tentou, mais uma vez, e também foi capturado. Em 129 AC, seu irmão Antíoco VII Evérgeta marchou contra a Pártia. O novo rei Parta era Fraates II. Ele derrotou Sideta, que morreu na tentativa de livrar o irmão do cativeiro. Demétrio

conseguiu escapar e retornou à Síria, tentando mais uma vez recuperar o trono. Mas foi mal recebido pelo povo. A rainha do Egito Cleópatra II também tentou envolvê-lo numa trama contra seu irmão Ptolomeu VIII Evérgeta II, lhe preparando um exército. Infelizmente, com a deserção das tropas de Demétrio, Ptolomeu VIII Evérgeta II colocou no trono da Síria outro usurpador, Alexandre II Zabinas (129-125 AC, supostamente o filho de Alexandre Balas), mas que se suicidou com veneno, após ser derrotado por Antíoco VIII Gripo, filho de Demétrio II Nicator. Demétrio foi derrotado em uma batalha perto de Damasco, tentou fugir para Ptolomaida, que negou sua entrada por ordens de sua própria esposa Cleópatra Téia. Tentou, então, fugir para Tiro, mas foi morto ao tentar escapar de barco. Ele foi sucedido por sua mulher Cleópatra Téia e, em seguida, por seus dois filhos, Seleuco V Filometor e Antíoco VIII Gripo, em coregência com a mãe. Ela matou Seleuco V Filometor e, após 120 AC, com a morte de Téia, Antíoco VIII Gripo reinou sozinho até 96 AC, apesar da disputa com seu meio-irmão Antíoco IX de Cízico.

As guerras continuaram entre o reino Selêucida e Ptolomaico até 64 AC, quando o General Pompeu anexou a Síria à República Romana. O povo judeu muito sofreu com essas sucessivas guerras, visto que seu território servia de passagem e, às vezes, também de campo de batalha para os dois exércitos rivais.

Os governantes Selêucidas neste conturbado período foram (ver tabela no final do texto):

- Cleópatra Téia – 125-120 AC
- Seleuco V Filometor – 125 AC (morto pela mãe – Cleópatra Téia)
- Antíoco VIII Filometor (Antíoco VIII Gripo) – 125-96 AC – co-regente com a mãe (Cleópatra Téia) até a morte desta em 120 AC
- Antíoco IX de Cízico – 155-96 AC – disputa com Antíoco VIII Gripo
- Seleuco VI Epifânio Nicator – 96-95 AC
- Antíoco X Eusébio Filopator – 95-90 AC
- Demétrio III Eucerus (ou Filopator) – 95-87 AC
- Antíoco XI Epifânio Filadelfo – 95-92 AC
- Filipe I Filadelfo – 95-84 (ou 83 AC)
- Antíoco XII Dionísio – 87-84 AC – Antíoco Epifânio Dionísio (foi o nome cunhado nas moedas)
- Tigranes II da Armênia (Tigranes, o Grande) – intervenção – 83-69 AC
- Seleuco VII Cibiosactes ou Filometor – 83-69 AC – reinando apenas sobre algumas cidades que o apoiavam
- Antíoco XIII Asiático – 69-64 AC
- Pompeu anexa a Síria à República Romana – 64 AC
- Filipe II Filoromaeus ('Amigo dos romanos') ou Baripous ('Pé pesado') – 65-63 AC
- Término da República Romana e início do Império Romano – 31/29 AC

Guerras Púnicas foi uma série de três conflitos entre a República Romana e a República de Cartago, uma cidade-estado fenícia ao norte da África (entre 264-146 AC), disputando o senhorio sobre o Mar Mediterrâneo. Os romanos chamavam os cartagineses de Punici, originado do nome 'Poenici', ou seja, de ascendência fenícia. As Guerras Púnicas durante a República Romana se restringiram ao domínio de Roma sobre o Norte da África, envolvendo a península Ibérica e algumas ilhas do Mediterrâneo Ocidental. A Primeira Guerra Púnica foi em 264-241 AC. A Segunda, em 218-202 AC; e a Terceira, em 149-146 AC. Em 146 AC houve anexação da península grega e suas ilhas à República Romana. E isso também contribuiu para o fim dos

Impérios Selêucida e Ptolomaico. Para Israel também foi o início de uma nova era, com a finalização do período Hasmoneano (167-63 AC) até a tomada definitiva de Jerusalém por Pompeu em 63 AC e a posterior instalação do império Romano (31 AC), que perdurou por mais ou menos 500 anos no Ocidente (476 DC), e quase mil anos no Oriente (até 1453 DC), com a queda do Império Bizantino.

Guerras Sírias:

Houve seis Guerras Sírias entre o império Selêucida e o Ptolomaico durante os séculos III e II AC (274-168 AC) na região ao norte da Síria, chamada de Celessíria (ou Cele-Síria), mais tarde tomada pelos Romanos e Partas.

1) Primeira Guerra Síria (274-271 AC) – Antíoco I Sóter repeliu uma invasão egípcia ao norte da Síria por Ptolomeu II Filadelfo.

2) Segunda Guerra Síria (260-253 AC) – Antíoco II Theos aliou-se ao rei da Macedônia Antígono Gônatas na luta contra o Egito (Ptolomeu II Filadelfo) pela disputa da Síria. Para selar a paz com o Egito, ele veio a se casar com Berenice Sira, filha de Ptolomeu II Filadelfo e irmã de Ptolomeu III Evérgeta.

3) Terceira Guerra Síria ou Guerra Laodiciano (246-241 AC) – entre Ptolomeu III Evérgeta e Antíoco II Theos, por causa da morte de Berenice Sira e seu filho

4) Quarta Guerra Síria (219-216 AC) – entre Antíoco III Magno e Ptolomeu IV Filopator – o primeiro queria reconquistar a Síria e partes da Palestina, mas foi derrotado em 217 AC na batalha de Ráfia, perto de Gaza.

5) Quinta Guerra Síria (202-195 AC) – entre Antíoco III Magno e Ptolomeu V Epifânio ainda jovem, após a morte dos seus ministros. A paz foi feita através do casamento de Cleópatra I, filha de Antíoco III Magno, com Ptolomeu V Epifânio.

6) Sexta Guerra Síria (170-168 AC) – entre Antíoco IV Epifânio e seu sobrinho Ptolomeu VI Filometor (filho de Cleópatra I e Ptolomeu V Epifânio). Antíoco IV Epifânio negou qualquer acordo de paz entre os dois reinos.

Conclusão e aprendizados com as dinastias Ptolomaica e Selêucida:

Em relação ao nosso estudo sobre o Período Intertestamentário, podemos dizer que este foi um período de grande treva para a humanidade, com todos os povos vivendo em idolatria e influenciando uns aos outros não apenas com os conceitos religiosos deturpados, mas agravando os padrões morais pecaminosos de muitos séculos: incesto, adultério, guerras sem propósito, assassinatos, disputa pelo trono, ambição, malformações congênitas e outras doenças decorrentes de casamentos consanguíneos e praticamente entre adolescentes sem total maturidade hormonal, uma literatura totalmente voltada ao misticismo, à idolatria e à imoralidade; enfim, todo o tipo de perversão possível de ser encontrada num ser humano devido ao afastamento de Deus por rebeldia à Sua voz através dos profetas. Se Jesus não tivesse nascido naquele exato momento determinado por Deus para nos trazer a Salvação e a Luz, não haveria mais chance de um concerto para o planeta.

Achei interessante em todo este estudo que a sabedoria de Deus e Sua visão do todo estão fora do alcance da nossa compreensão, movendo pessoas e reinos de acordo com o Seu querer e usando profetas como Daniel, que já havia recebido a revelação do que iria acontecer com o seu povo depois do cativeiro babilônico e num futuro distante, como o que nós estamos vivendo hoje.

O que Deus estava pensando ao ver toda aquela violência e procurando ainda por alguns remanescentes fiéis dispostos a fazer Sua vontade e exortar as pessoas a se voltarem para Ele? O que Ele deve sentir hoje, assistindo a mesma violência na humanidade, mas esperando com extrema paciência e misericórdia que os homens

percebiam seus erros e se arrependam? Ele poderia acabar com o planeta neste momento, se quisesse; entretanto, continua fiel à Sua própria palavra sempre dando aos homens a chance de salvação.

Ao escrever este estudo eu tive minha mente ampliada para perceber o poder de Deus. Aqueles personagens estavam ali como se dentro de um cenário, desempenhando um papel, mas totalmente inconscientes do que acontecia com outras pessoas, com seus inimigos em outro reino ou com seus próprios amigos vivendo longe ou até como prisioneiros de guerra. Em resumo, sem a visão do projeto divino por trás de tudo aquilo. Deus, porém, estava vendo o planeta do lado de fora; ou melhor, de cima, e com total controle sobre o propósito oculto em cada coração. Somos menos do que um grão de areia diante dos Seus olhos, mas, como diz o apóstolo Paulo (2 Co 4: 7-11), tendo um tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não nosso.

Outra coisa que eu consegui perceber foi a força que foi empregada na conquista de territórios por parte de todos esses impérios; quantos soldados morreram em batalha para que o nome de um único homem fosse exaltado! Quanto sangue foi derramado! Transportando isso para os nossos dias, começamos a compreender as palavras de Jesus. Seu Reino é maior do que todos os que já existiram, e o nosso inimigo não é mais carne e sangue, mas principados e potestades, as forças espirituais do mal nas regiões celestes (Ef 6: 12), e que também foram enfrentadas por Daniel para que ele recebesse a revelação de Deus (Dn 10: 3; 13; 20-21). Portanto, as nossas promessas já estão disponíveis para nós (Ef 1: 3), o sangue de UM só (o sangue de Jesus) já foi derramado no lugar de muitos, mas cabe a nós pagarmos o preço pela tomada de posse da nossa terra, das nossas promessas (Gl 3: 8b; 11b), do reino que já está preparado para nós desde a fundação do mundo. Por isso, nossos sonhos demoram a se concretizar. É porque estamos numa guerra de posse pelo nosso território, até que possamos colocar nele a marca do nosso senhorio, ou melhor, do senhorio de Jesus sobre ele. O Senhor nos disse para fazermos prevalecer Seu reino na terra. Essa é a nossa missão.

Tabela dos reis Ptolomaicos e Selêucidas (Antes de Cristo):

* Ptolomeu VII Novo Filometor foi morto pelo tio Ptolomeu VIII Evérgeta II

** Ptolomeu XV Filopator Filometor César (47-30 AC), mais conhecido como Ptolomeu César ou Cesarion (Em grego: Kaisariōn, literalmente ‘pequeno César’; Latim: Caesariō), reinou em co-regência com mãe (Cleópatra VII) desde 44 AC. Ele apenas se manteve no trono como único governante por alguns dias (12-23 de Agosto do ano de 30 AC), após o suicídio de Cleópatra, na época em que sua morte foi decretada por Otaviano, que viria a ser o Imperador César Otaviano Augusto. Cleópatra VII era irmã e esposa de seus dois irmãos: Ptolomeu XIII e Ptolomeu XIV

*** Seleuco V Filometor foi morto pela mãe, Cleópatra Téia

Filipe II Filoromaeus (Φίλιππος ὁ Φιλορωμαῖος ‘Amigo dos romanos’) ou Baripous (Βαρύπους ‘Pé pesado’) – 65-63 AC, filho de Filipe I Filadelfo, foi o último rei.

Reis do Sul (Ptolomeus) – reinado (a.C)	Reis Selêucidas (Norte) – reinado (a.C)
Ptolomeu I Sóter – 305-285	Seleuco I Nicator – 305-281
Ptolomeu II Filadelfo – 285-246	Antíoco I Sóter – 281-261
	Antíoco II Theos – 261-246
Ptolomeu III Evérgeta – 246-221	Seleuco II Calínico – 246-225
Ptolomeu IV Filopator – 221-205	Seleuco III Cerauno – 225-223
	Antíoco III, o Grande – 223-187
Ptolomeu V Epifânio – 205-180	Seleuco IV Filopator – 187-175
Ptolomeu VI Filometor – 180-170 – 1º	Antíoco IV Epifânio – 175-164
Ptolomeu VIII Evérgeta II – 170-163 – 1º	Antíoco V Eupator – 164-162
Ptolomeu VI Filometor – 163-145 – 2º	Demétrio I Sóter – 161-150
	Alexandre Balas (usurpador) – 150-145
Ptolomeu VII Novo Filometor * – 145	Demétrio II Nicator – 145-144
Ptolomeu VIII Evérgeta II – 145-116 – 2º	Antíoco VI Dionísio – 144-142 + Diódoto Trífon – 142-139
	Antíoco VII Evérgeta – 139-129
	Alexandre II Zabinas (usurpador) – 129-125 / Demétrio II Nicator – 129-125
	Cleópatra Téia – 125-120
	Seleuco V Filometor – 125 ***
	Antíoco VIII Filometor (Gripo) – 125-96
Ptolomeu IX Sóter II – 116-107 – 1º	Antíoco IX de Cízico – 115-96 (disputa com Antíoco VIII Gripo)
Ptolomeu X Alexandre I – 107-88	Seleuco VI Epifânio Nicator – 96-95
	Antíoco X Eusébio Filopator – 95-90
	Demétrio III Eucerus (Filopator) – 95-87
	Antíoco XI Epifânio Filadelfo – 95-92
	Filipe I Filadelfo – 95-84/83
Ptolomeu IX Sóter II (88-80) – 2º	Antíoco XII Dionísio – 87-84
Ptolomeu XI Alexandre II (80)	Tigranes II da Armênia (83-69)
Ptolomeu XII (80-51)	Seleuco VII Cibiosactes – 83-69
	Antíoco XIII Asiático – 69-64
	Síria anexada à República Romana – 64
Cleópatra VII (51-30)	Filipe II Filoromaeus – 65-63
Ptolomeu XIII (51-47) + Cleópatra VII	
Intervenção – Júlio César (47/46)	
Ptolomeu XIV (44-40) + Cleópatra VII	
Ptolomeu XV César (44-30) **	
Início do Império Romano – 31/29	Início do Império Romano – 31/29

Parte 3 - Revelação de Daniel capítulo 11

Agora que conhecemos o tempo de reinado das nações no Período Intertestamentário e a história dos reis Selêucidas e Ptolomaicos (os reis do norte e do sul), vamos à revelação da profecia de Daniel (Dn 11:1-45), ou seja, a sua interpretação.

A versão bíblica mais usada aqui é a ARA, às vezes completada pela NVI.

• Dn 11:

1 Mas eu [*quem estava falando era o anjo enviado pelo Senhor, Gabriel ou outro anjo*], no primeiro ano de Dario, o medo, me levantei para o fortalecer e animar [*animar Dario*].

2 Agora, eu te declararei a verdade: eis que ainda três reis se levantarão na Pérsia, e o quarto será cumulado de grandes riquezas mais do que todos; e, tomado forte por suas riquezas, empregará tudo contra o reino da Grécia.

3 Depois, se levantará um rei poderoso, que reinará com grande domínio e fará o que lhe aprouver.

4 Mas, no auge, o seu reino será quebrado e repartido para os quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tampouco segundo o poder com que reinou, porque o seu reino será arrancado e passará a outros fora de seus descendentes.

5 O rei do Sul será forte, como também um de seus príncipes; este será mais forte do que ele, e reinará, e será grande o seu domínio.

6 Mas, ao cabo de anos, eles se aliarão um com o outro; a filha do rei do Sul casará com o rei do Norte, para estabelecer a concórdia; ela, porém, não conservará a força do seu braço, e ele não permanecerá, nem o seu braço, porque ela será entregue, e bem assim os que a trouxeram, e seu pai, e o que a tomou por sua naqueles tempos.

7 Mas, de um renovo da linhagem dela, um se levantará em seu lugar, e avançará contra o exército do rei do Norte, e entrará na sua fortaleza, e agirá contra eles, e prevalecerá.

8 Também aos seus deuses com a multidão das suas imagens fundidas, com os seus objetos preciosos de prata e ouro levará como despojo para o Egito; por alguns anos, ele deixará em paz o rei do Norte.

9 Mas, depois, este avançará contra o reino do rei do Sul e tornará para a sua terra.

10 Os seus filhos farão guerra e reunirão numerosas forças; um deles virá apressadamente, arrasará tudo e passará adiante; e, voltando à guerra, a levará até à fortaleza do rei do Sul.

11 Então, este se exasperará, sairá e pelejará contra ele, contra o rei do Norte; este porá em campo grande multidão, mas a sua multidão será entregue nas mãos daquele.

12 A multidão será levada, e o coração dele se exaltará; ele derribará miríades, porém não prevalecerá.

13 Porque o rei do Norte tornará, e porá em campo multidão maior do que a primeira, e, ao cabo de tempos, isto é, de anos, virá à pressa com grande exército e abundantes provisões.

14 Naqueles tempos se levantarão muitos contra o rei do Sul; também os dados à violência dentre o teu povo se levantarão para cumprirem a profecia, mas cairão.

15 O rei do Norte virá, levantará baluartes e tomará cidades fortificadas; os braços do Sul não poderão resistir, nem o seu povo escolhido, pois não haverá força para resistir.

16 O que, pois, vier contra ele fará o que bem quiser, e ninguém poderá resistir a ele; estará na terra gloriosa, e tudo estará em suas mãos.

17 Resolverá vir com a força de todo o seu reino, e entrará em acordo com ele, e lhe dará uma jovem em casamento, para destruir o seu reino; isto, porém, não vingará, nem será para a sua vantagem.

18 Depois, se voltará para as terras do mar e tomará muitas; mas um príncipe fará cessar-lhe o opróbrio e ainda fará recair este opróbrio sobre aquele.

19 Então, voltará para as fortalezas da sua própria terra; mas tropeçará, e cairá, e não será achado.

20 Levantar-se-á, depois, em lugar dele, um que fará passar um exator [NVI: 'cobrador de impostos'] pela terra mais gloriosa do seu reino; mas, em poucos dias, será destruído, e isto sem ira nem batalha.

21 Depois, se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente e tomará o reino, com intrigas.

22 As forças inundantes serão arrasadas de diante dele; serão quebrantadas, como também o príncipe da aliança.

23 Apesar da aliança com ele, usará de engano; subirá e se tornará forte com pouca gente.

24 Virá também caladamente aos lugares mais férteis da província e fará o que nunca fizeram seus pais, nem os pais de seus pais: repartirá entre eles a presa, os despojos e os bens; e maquirará os seus projetos contra as fortalezas, mas por certo tempo.

25 Suscitará a sua força e o seu ânimo contra o rei do Sul, à frente de grande exército; o rei do Sul sairá à batalha com grande e mui poderoso exército, mas não prevalecerá, porque maquirarão projetos contra ele.

26 Os que comerem os seus manjares o destruirão, e o exército dele será arrasado, e muitos cairão traspassados.

27 Também estes dois reis se empenharão em fazer o mal e a uma só mesa falarão mentiras; porém isso não prosperará, porque o fim virá no tempo determinado.

28 Então, o homem vil tornará para a sua terra com grande riqueza, e o seu coração será contra a santa aliança; ele fará o que lhe aprouver e tornará para a sua terra.

29 No tempo determinado, tornará a avançar contra o Sul; mas não será nesta última vez como foi na primeira,

30 porque virão contra ele navios de Quitim, que lhe causarão tristeza; voltará, e se indignará contra a santa aliança, e fará o que lhe aprouver; e, tendo voltado, atenderá aos que tiverem desamparado a santa aliança.

31 Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora.

32 Aos violadores da aliança, ele, com lisonjas, perverterá, mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo.

33 Os sábios entre o povo ensinarão a muitos; todavia, cairão pela espada e pelo fogo, pelo cativoiro e pelo roubo, por algum tempo.

34 Ao caírem eles, serão ajudados com pequeno socorro; mas muitos se ajuntarão a eles com lisonjas.

35 Alguns dos sábios cairão para serem provados, purificados e embranquecidos, até ao tempo do fim, porque se dará ainda no tempo determinado.

36 Este rei fará segundo a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo deus; contra o Deus dos deuses falará coisas incríveis e será próspero, até que se cumpra a indignação; porque aquilo que está determinado será feito.

37 Não terá respeito aos deuses de seus pais, nem ao desejo de mulheres, nem a qualquer deus, porque sobre tudo se engrandecerá.

38 Mas, em lugar dos deuses, honrará o deus das fortalezas; a um deus que seus pais não conheceram, honrará com ouro, com prata, com pedras preciosas e coisas agradáveis.

39 Com o auxílio de um deus estranho, agirá contra as poderosas fortalezas, e aos que o reconhecerem, multiplicar-lhes-á a honra, e fã-los-á reinar sobre muitos, e lhes repartirá a terra por prêmio.

40 No tempo do fim, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte arremeterá contra ele com carros, cavaleiros e com muitos navios, e entrará nas suas terras, e as inundará, e passará.

41 Entrará também na terra gloriosa, e muitos sucumbirão, mas do seu poder escaparão estes: Edom, e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom.

42 Estenderá a mão também contra as terras, e a terra do Egito não escapará.

43 Apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata e de todas as coisas preciosas do Egito; os líbios e os etíopes o seguirão.

44 Mas, pelos rumores do Oriente e do Norte, será perturbado e sairá com grande furor, para destruir e exterminar a muitos.

45 Armará as suas tendas palacianas entre os mares contra o glorioso monte santo; mas chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra.

Vamos, então, descobrir o que tudo isso significa:

- Dn 11: 1: “Mas eu [quem estava falando era o anjo enviado pelo Senhor, Gabriel ou outro anjo], no primeiro ano de Dario, o Medo, me levantei para o fortalecer e animar” [animar Dario].

Em 539 AC, Ciro II ou Ciro o Grande invadiu a Babilônia e incorporou este reino ao império Medo-Persa, fazendo dele uma satrapia sob o governo de Dario, o Medo, seu tio materno, que na época tinha 62 anos de idade (o momento dessa profecia). Esse Dario, o Medo, é outra pessoa, diferente de Dario II (Ne 12: 22), conhecido como Dario o persa, que governou a Babilônia e a Pérsia (424–404 AC) depois de Artaxerxes. É diferente também de Dario I, sucessor de Cambises II, e que governou de 522 a 486 AC, quando se deu início à construção do templo de Jerusalém (520–516 AC).

- Dn 11: 2-4: “Agora, eu te declararei a verdade: eis que ainda três reis se levantarão na Pérsia (*Ciro, Cambises II e Dario I*), e o quarto (*Xerxes*) será cumulado de grandes riquezas mais do que todos; e, tornado forte por suas riquezas, empregará tudo contra o reino da Grécia. Depois (*Do reinado dos descendentes de Xerxes*), se levantará um rei poderoso (*Alexandre, o grande*), que reinará com grande domínio e fará o que lhe aprouver. Mas, no auge, o seu reino será quebrado e repartido para os quatro ventos do céu (*Entre seus quatro generais*); mas não para a sua posteridade, nem tampouco segundo o poder com que reinou, porque o seu reino será arrancado e passará a outros fora de seus descendentes” (*o filho de Alexandre com sua esposa Roxana, Alexandre IV, morreu assassinado aos 13 anos de idade, assim como a mãe de Alexandre o grande, Olímpia, todos mortos por seu general Cassandro*).

Aqui, a bíblia se refere a Alexandre o Grande (332 AC). Este fato também é relatado em Daniel 8: 5-8; 20-22, onde a bíblia fala que o carneiro com dois chifres simboliza a Média e a Pérsia, e o bode peludo simboliza a Grécia. Um único chifre fala do poder de Alexandre, o grande, se quebrando e dando lugar a quatro chifres (símbolo dos seus quatro generais), e que depois, de um dos chifres sai um único chifre pequeno que se torna forte para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa (Dn 8: 9 = Israel), simbolizando Antíoco IV Epifânio (175-164 AC).



O reino da Grécia também é simbolizado no livro de Daniel por outro animal:

- Dn. 7: 6: “Depois disto, continuei olhando, e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha nas costas quatro asas de ave; tinha também este animal quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio”.



- Dn 11: 5: “O rei do Sul será forte, como também um de seus príncipes; este será mais forte do que ele, e reinará, e será grande o seu domínio” (ARA);

“O rei do Sul se tornará forte, mas um dos seus príncipes se tornará ainda mais forte que ele e governará o seu próprio reino com grande poder” (NIV).

O reino do Sul se refere ao Egito, ao sul da Palestina. “O rei do Sul será forte” = Ptolomeu I Sóter; “como também um de seus príncipes” = um dos generais de

Alexandre, o Grande: Seleucos I Nicator (para quem a Síria foi dada), que reinou com mais poder que Ptolomeu I Sóter.

- Dn 11: 6: “Mas, ao cabo de anos, eles se aliarão um com o outro; a filha do rei do Sul casará com o rei do Norte, para estabelecer a concórdia; ela, porém, não conservará a força do seu braço, e ele não permanecerá, nem o seu braço, porque ela será entregue, e bem assim os que a trouxeram, e seu pai, e o que a tomou por sua naqueles tempos.”

“Ao cabo de anos” = por volta de 50 anos depois (o neto de Seleucos I Nicator: Antíoco II Theos); “Eles se aliarão um com o outro” = os descendentes de Ptolomeu I Sóter e Seleucos I Nicator, respectivamente, Ptolomeu II Filadelfo e Antíoco II Theos. “a filha do rei do Sul casará com o rei do Norte” = casamento de Berenice Sira (filha de Ptolomeu II Filadelfo e Arsínoe I) com Antíoco II Theos, o terceiro rei selêucida (261-246 AC) para selar a paz com o Egito na Segunda Guerra Síria.

- Dn 11: 7-9: “Mas, de um renovo da linhagem dela, um se levantará em seu lugar, e avançará contra o exército do rei do Norte, e entrará na sua fortaleza, e agirá contra eles, e prevalecerá. Também aos seus deuses com a multidão das suas imagens fundidas, com os seus objetos preciosos de prata e ouro levará como despojo para o Egito; por alguns anos, ele deixará em paz o rei do Norte. Mas, depois, este avançará contra o reino do rei do Sul e tornará para a sua terra”.

“Um renovo da linhagem dela” = o irmão de Berenice Sira, Ptolomeu III Evérgeta voltou a invadir a Síria, a Cilícia e conquistou todas as terras até o rio Eufrates (Terceira Guerra Síria ou Guerra Laodicianana).

- Dn 11: 10-14: “Os seus filhos farão guerra e reunirão numerosas forças; um deles virá apressadamente, arrasará tudo e passará adiante; e, voltando à guerra, a levará até à fortaleza do rei do Sul. Então, este se exasperará, sairá e pelejará contra ele, contra o rei do Norte; este porá em campo grande multidão, mas a sua multidão será entregue nas mãos daquele. A multidão será levada, e o coração dele se exaltará; ele derribará miríades, porém não prevalecerá. Porque o rei do Norte tornará, e porá em campo multidão maior do que a primeira, e, ao cabo de tempos, isto é, de anos, virá à pressa com grande exército e abundantes provisões. Naqueles tempos, se levantarão muitos contra o rei do Sul; também os dados à violência dentre o teu povo se levantarão para cumprirem a profecia, mas cairão”.

“Os seus filhos farão guerra” = guerras entre o reino Selêucida e Ptolomaico pelo Egito, Síria e Palestina, principalmente entre os reinados dos reis Selêucidas: Seleuco II Calínico, Seleuco III Cerauno e Antíoco III (246-187 AC), e dos reis Ptolomaicos: Ptolomeu III Evérgeta, Ptolomeu IV Epifânio e Ptolomeu V Epifânio (246-181 AC).

- Dn 11: 15-16: “O rei do Norte virá, levantará baluartes e tomará cidades fortificadas; os braços do Sul não poderão resistir, nem o seu povo escolhido, pois não haverá força para resistir. O que, pois, vier contra ele fará o que bem quiser, e ninguém poderá resistir a ele; estará na terra gloriosa, e tudo estará em suas mãos”.

“O rei do Norte” = Antíoco, o Grande (Antíoco III Magno) em 200-198 AC, que se apodera do Egito, da Palestina e da Celessíria.

- Dn 11: 17: “Resolverá vir com a força de todo o seu reino, e entrará em acordo com ele, e lhe dará uma jovem em casamento, para destruir o seu reino; isto, porém, não vingará, nem será para a sua vantagem”;

“Virá com o poder de todo o seu reino e fará uma aliança com o rei do sul. Ele lhe dará uma filha em casamento a fim de derrubar o reino, mas o seu plano não terá sucesso e em nada o ajudará” (NVI).

“Lhe dará uma jovem em casamento” = referência ao casamento de Cleópatra I (filha de Antíoco III Magno) com o rei egípcio Ptolomeu V Epifânio (reinado: 203-181 AC).

• Dn 11: 18-19: “Depois, se voltará para as terras do mar e tomará muitas; mas um príncipe fará cessar-lhe o opróbrio e ainda fará recair este opróbrio sobre aquele. Então, voltará para as fortalezas da sua própria terra; mas tropeçará, e cairá, e não será achado” (ARA).

“Então ele voltará a atenção para as regiões costeiras e se apossará de muitas delas, mas um comandante reagirá com arrogância à arrogância dele e lhe dará fim. Depois disso ele se dirigirá para as fortalezas de sua própria terra, mas tropeçará e cairá, para nunca mais aparecer” (NVI).

“Terras do mar” = ilhas da Grécia. “mas um príncipe”, ou “um comandante” = referência a Públio Cornélio Cipião Africano, chamado ‘o Velho’, um general Romano durante a Segunda Guerra Púnica (218-202 AC) e um estadista da República Romana (período de vida: 236-183 AC), o que está em acordo com a data de governo de Antíoco III, o Grande (reinado: 223-187AC). A presença de Públio Cornélio Cipião Africano ali simboliza Roma entrando no leste pela primeira vez.

• Dn 11: 20: “Levantar-se-á, depois, em lugar dele, um que fará passar um exator pela terra mais gloriosa do seu reino; mas, em poucos dias, será destruído, e isto sem ira nem batalha” (ARA);

“Seu sucessor enviará um cobrador de impostos para manter o esplendor real. Contudo, em poucos anos ele será destruído, sem necessidade de ira nem combate” (NVI).

“Um exator” ou “um cobrador de impostos” = uma referência a Seleuco IV Filopatro (187-175 AC), filho de Antíoco III Magno. Ele deu ordem ao seu comandante Heliodoro para cobrar impostos no templo de Jerusalém a fim de pagar a compensação de guerra exigida por Roma (por causa do que seu pai fez), mas este encontrou oposição do sumo sacerdote e retornou. No mesmo ano, Seleuco IV Filopatro foi assassinado (envenenado) por Heliodoro. Ele tinha 60 anos quando morreu.

• Dn 11: 21-28: “Depois, se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente e tomará o reino, com intrigas. As forças inundantes serão arrasadas de diante dele; serão quebrantadas, como também o príncipe da aliança. Apesar da aliança com ele, usará de engano; subirá e se tornará forte com pouca gente. Virá também caladamente aos lugares mais férteis da província e fará o que nunca fizeram seus pais, nem os pais de seus pais: repartirá entre eles a presa, os despojos e os bens; e maquiinará os seus projetos contra as fortalezas, mas por certo tempo. Suscitará a sua força e o seu ânimo contra o rei do Sul, à frente de grande exército; o rei do Sul sairá à batalha com grande e mui poderoso exército, mas não prevalecerá, porque maquiinarão projetos contra ele. Os que comerem os seus manjares o destruirão, e o exército dele será arrasado, e muitos cairão traspassados. Também estes dois reis se empenharão em fazer o mal e a uma só mesa falarão mentiras; porém isso não prosperará, porque o fim virá no tempo determinado. Então, o homem vil tornará para a sua terra com grande riqueza, e o seu coração será contra a santa aliança; ele fará o que lhe aprouver e tornará para a sua terra” (ARA);

“Ele será sucedido por um ser desprezível, a quem não tinha sido dada a honra da realeza. Este invadirá o reino quando o povo se sentir seguro, e se apoderará do reino por meio de intrigas. Então um exército avassalador será arrasado diante dele; tanto o exército como um príncipe da aliança serão destruídos. Depois de um acordo feito com ele, agirá traiçoeiramente, e com apenas um pequeno grupo chegará ao poder. Quando as províncias mais ricas se sentirem seguras, ele as invadirá e realizará o que nem seus pais nem seus antepassados conseguiram: distribuirá despojos, saques e riquezas entre seus seguidores. Ele tramará a tomada de fortalezas, mas só por algum tempo. Com um grande exército juntará suas forças e sua coragem contra o rei do sul. O rei do sul guerreará mobilizando um exército grande e poderoso, mas não conseguirá resistir por causa dos golpes tramados contra ele. Mesmo os que estiverem sendo alimentados pelo rei tentarão destruí-lo; seu exército será arrasado, e muitos cairão em combate. Os dois reis, com seu coração inclinado para o mal, sentarão à mesma mesa e mentirão um para o outro, mas sem resultado, pois o fim só virá no tempo determinado. O rei do norte voltará para a sua terra com grande riqueza, mas o seu coração estará voltado contra a santa aliança. Ele empreenderá ação contra ela e depois voltará para a sua terra” (NVI).

“Um homem vil” ou “um ser desprezível” = Antíoco IV Epifânio (175-164 AC) usou de todos os artifícios de mentira, engano, astúcia, lisonjas e crueldade como ninguém fizera antes dele. Epifânio significa: ‘ilustre’ ou ‘que se manifesta com esplendor’. Para se manter no poder, ele não tinha qualquer escrúpulo. Sua ascensão ao trono da Síria foi através de intrigas e engano e tinha sede de conquista, derramando o sangue dos seus adversários em muitas guerras. Enriqueceu com os despojos das guerras, quando lutou contra o Egito. A bíblia o chama de “homem vil”, porque fingindo amizade e aliança, entrou no Egito e se apoderou do reino de Ptolomeu VI Filometor (‘príncipe da aliança’).

“O rei do sul guerreará mobilizando um exército grande e poderoso” ou “o rei do Sul sairá à batalha com grande e mui poderoso exército” = Ptolomeu VIII Evérgeta II ou Ptolomeu VIII Fiscon – 182-116 AC. Ele tinha realmente um grande e poderoso exército em torno de si e podia, como diz a História, vencer o próprio Antíoco Epifânio; mas seu plano foi frustrado pela traição dentro de seu próprio exército, pois seus generais não concordavam com a sua ambição de incorporar o seu reino ao reino Selêucida. De ambos os lados existia grande multidão, os dois exércitos extremamente numerosos. Entretanto, a ambição predominava, e o rei do Sul (Egito) foi o mais envolvido (“mas não conseguirá resistir por causa dos golpes tramados contra ele. Mesmo os que estiverem sendo alimentados pelo rei (seus generais) tentarão destruí-lo; seu exército será arrasado, e muitos cairão em combate”).

Durante alguns anos, os Ptolomeus e Selêucidas fizeram vários tratados, com a finalidade de encontrar a paz entre os dois impérios, mas seus corações tinham um só intento: enganar um ao outro (“Os dois reis, com seu coração inclinado para o mal, sentarão à mesma mesa e mentirão um para o outro”). Estes dois reis (do Norte e do Sul), segundo alguns historiadores, se referem novamente a Antíoco Epifânio e Ptolomeu VI Filometor. “O homem vil tornará para a sua terra” ou “O rei do norte voltará para a sua terra” = a primeira expedição de Antíoco IV Epifânio contra o Egito em 170 AC, quando conquistou Pelúcio, no delta do Nilo. Mas dificuldades em sua pátria (traições por parte do seu próprio povo contra ele) o forçaram a deixar o Egito. No caminho de volta (levando muito despojo), ele saqueou Jerusalém e o tesouro do templo. Ele tentou uma segunda expedição contra o Egito para tomar Alexandria em 168 AC, mas interrompida por intervenção de Roma, através do cônsul Caio Popílio

Lenas.

- Dn 11: 29-30: “No tempo determinado, tornará a avançar contra o Sul; mas não será nesta última vez como foi na primeira, porque virão contra ele navios de Quitim, que lhe causarão tristeza; voltará, e se indignará contra a santa aliança, e fará o que lhe aprouver; e, tendo voltado, atenderá aos que tiverem desamparado a santa aliança”.

“Tornará a avançar contra o Sul” = a segunda expedição de Antíoco IV Epifânio contra o Egito, mas interrompida por intervenção de Roma (cônsul Caio Popílio Lenas). “Navios de Quitim” é uma provável referência a Roma ou Grécia. Quitim foi um dos filhos de Javã (filho de Jafé, filho de Noé – Gn 10: 4; 1 Cr 1: 7), ancestral dos gregos, e cujos descendentes se estabeleceram em Chipre e ocupavam-se no comércio marítimo. A Septuaginta traduz a palavra ‘Quitim’ em Daniel 11: 30 como ῥωμαῖοι = romaíoi = romanos.

- Dn 11: 31: “Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora” (NVI: o sacrilégio terrível).

Jesus relatou o mesmo fato em Mt 24: 15 com as palavras: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel no lugar santo (quem lê entenda)” e Mc 13: 14: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar (quem lê entenda)”. O termo “abominação desoladora” ou “sacrilégio terrível” (NVI) significa: desolação, pesar, tristeza, devastação.

Antíoco IV Epifânio enviou um grande exército contra Jerusalém (168-167 AC) e tomou-a em ataque relâmpago; matou 40.000 pessoas; vendeu muitos judeus como escravos; instalou a estátua de Zeus no templo para ser adorado; cometeu sacrilégio matando um porco (animal imundo) no altar e depois mandou borrifar o sangue no templo; invadiu o Santo dos Santos e pilhou os vasos de ouro e outros utensílios do templo, no valor de mil talentos; ele também interferiu na escolha do sumo sacerdote e do governador de Judá e, assim, com a introdução do helenismo na Judéia, ele terminou com os sacrifícios feitos no templo de Jerusalém.

Dn 8: 14 escreve: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”. Ele estava se referindo ao tempo decorrido desde a profanação do templo por Antíoco IV até sua purificação por Judas Macabeu. A revolta dos Macabeus durou de 167 AC a 160 AC, ou seja, 2.300 dias (6 anos e 3 meses), mais precisamente, 6 anos, 3 meses e 18 dias.

Isso se repetiria com os atos de profanação e destruição do templo por Tito, e que aboliu o sacerdócio mosaico de uma vez por todas em Israel (Dn 9: 26-27).

- Dn 11: 32: “Aos violadores da aliança, ele, com lisonjas, perverterá, mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo”.

“Os violadores da aliança” = alguns judeus incrédulos, que facilitaram a infiltração de Antíoco Epifânio na Cidade Santa.

“O povo que conhece ao seu Deus se tornará forte” = refere-se aos Macabeus, a partir de 167 AC, que desafiaram o poder hostil de Antíoco IV Epifânio, mesmo que isso tivesse lhes custado a vida.

- Dn 11: 33-35: “Os sábios entre o povo ensinarão a muitos; todavia, cairão pela espada e pelo fogo, pelo cativo e pelo roubo, por algum tempo. Ao caírem eles, serão ajudados com pequeno socorro; mas muitos se ajuntarão a eles com lisonjas. Alguns dos

sábios cairão para serem provados, purificados e embranquecidos, até ao tempo do fim, porque se dará ainda no tempo determinado” (ARA).

“Aqueles que são sábios instruirão a muitos, mas por certo período cairão à espada e serão queimados, capturados e saqueados. Quando caírem, receberão uma pequena ajuda, e muitos que não são sinceros se juntarão a eles. Alguns dos sábios tropeçarão para que sejam refinados, purificados e alvejados até a época do fim, pois isso só acontecerá no tempo determinado” (NVI).

“Os sábios entre o povo” = no tempo dos Macabeus, os sábios foram homens com percepção espiritual que circulavam entre o povo ensinando as Escrituras e continuaram pregando, mesmo sob perseguição e morte. Muitos desses sábios morreram, mas aqueles que sobreviveram permaneceram puros até o fim. A espada, fogo, cativoiro e roubo são um sumário das tribulações da vida e dos sofrimentos dos homens e mulheres fiéis desde a ressurreição de Jesus até hoje, em todas as partes do mundo, durante o processo de purificação de suas almas, o que acontece igualmente conosco. Sábios são aqueles que compreenderam os propósitos e os retos caminhos de Deus, têm prazer neles e compartilham o seu conhecimento e experiência com outras pessoas, para que elas também recebam a vida eterna. Aos olhos de Deus, sábio é aquele que conhece e pratica a verdade. Eles viverão para sempre na presença do seu Deus.

“No tempo determinado” = refere-se à época do Evangelho de Cristo, à época do Espírito Santo e do crescimento da Igreja Primitiva.

• Dn 11: 36-39: “Este rei fará segundo a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo deus; contra o Deus dos deuses falará coisas incríveis e será próspero, até que se cumpra a indignação; porque aquilo que está determinado será feito. Não terá respeito aos deuses de seus pais, nem ao desejo de mulheres [NVI, nem pelo deus preferido das mulheres], nem a qualquer deus, porque sobre tudo se engrandecerá. Mas, em lugar dos deuses, honrará o deus das fortalezas; a um deus que seus pais não conheceram, honrará com ouro, com prata, com pedras preciosas e coisas agradáveis. Com o auxílio de um deus estranho, agirá contra as poderosas fortalezas [*as muralhas de Jerusalém e do templo*], e aos que o reconhecerem, multiplicar-lhes-á a honra, e fá-los-á reinar sobre muitos, e lhes repartirá a terra por prêmio”.

• O Deus dos deuses = O Deus de Israel.

• Não terá respeito aos deuses de seus pais = os deuses sírios, nem mesmo Baal.

• Nem ao desejo de mulheres [NVI, nem pelo deus preferido das mulheres] = aqui, pelo fato de o contexto estar falando de deuses, é muito provável que esteja se referindo a Adônis, deus grego também chamado Tamuz (em Babilônico, ou Dumuzid, o deus mesopotâmico dos pastores, e também associado com o crescimento das plantas), venerado pelas mulheres, até pelas mulheres judias (Ez 8: 14: “Levou-me à entrada da porta da Casa do Senhor, que está no lado norte, e eis que estavam ali mulheres assentadas chorando a Tamuz”). Neste versículo de Ezequiel, o profeta recebe de Deus a revelação sobre as abominações praticadas em Jerusalém, entre elas, a atitude das mulheres que estavam chorando no Templo por esse deus estrangeiro. O culto ao Tamuz da Mesopotâmia era aceito pelos judeus exilados. Tamuz é aquele que morre e renasce a cada ano, o deus adorado pelas mulheres judias. A prova disso é que o nome do 4º mês judaico pós-exílio, que corresponde a Junho-Julho do nosso calendário cristão, é justamente ‘Tamuz’, coincidindo com o tempo de colheita de uvas. Tamuz em hebraico significa: ‘escondido’, ‘filho da vida’.

Uma forte evidência de que Tamuz era o mesmo deus grego Adônis é o festival de Adonia, comemorado com flores e frutas, como foi dito acima em relação ao nome do

mês judaico correspondente a Junho-Julho do nosso calendário cristão. Adônis (grego: Ἀδωνις) é um herói da mitologia grega no período helenístico, amado por Afrodite e Perséfone. Ele nasceu de uma relação incestuosa entre Myrrha (Em Português, Mirra ou Esmirna) e seu pai Kinyras (Cíniras, em Português; também chamado Theias), rei de Chipre (ou Assíria / Síria), e passa uma parte do seu tempo no reino dos vivos e outra no submundo, ou reino dos mortos. Foi morto ainda jovem por um javali selvagem enquanto caçava. Ártemis ou Artemísia (para os gregos) ou Diana (para os romanos) era a deusa da lua e da caça. Ela enviou um javali para matar Adônis como um castigo pela sua arrogância em dizer que ele era melhor caçador do que ela.

Os festivais de Adonia em Atenas, em Alexandria e no mundo romano (5º ao 4º século AC) celebram tanto a sua morte pelas mãos de Ártemis quanto o seu amor por Perséfone (do reino dos mortos) e Afrodite (no reino dos vivos). Esses festivais eram caracterizados pelo alto número de mulheres participando, por sua alegria e libertinagem (Afrodite ou Vênus era a deusa do amor, da beleza e da sexualidade), e pelo seu ritual de luto. Eram muito conhecidos os jardins de Adônis, cujas plantas depois de cortadas eram postas em vasos com a sua imagem, feita de madeira, e depressa murchavam (Perséfone era a deusa das ervas, flores, frutos e perfumes). O culto de Adônis era concebido como um deus morrendo e ressuscitando. A cidade de Biblos na Fenícia era dedicada a Adônis. O culto de Adônis em Biblos era praticamente o mesmo culto fenício / cananeu a 'Baal'. Esse deus não era somente uma deidade da primavera ou um espírito da vegetação, mas um importante deus de cidade, comparável a Baal-Melcarte em Tiro, e Eshmun, em Sidom. Na Síria e na Palestina, Adônis era chamado por um título (Baal, Adon = senhor) em vez do nome próprio.

- Nem a qualquer deus = os deuses de outras nações.
- Porque sobre tudo se engrandecerá [Em inglês, a bíblia escreve: “for he shall consider himself greater than all” = “pois ele se considerará maior do que todos eles”].
- O deus das fortalezas = este parece ser Júpiter, ou Zeus, o deus supremo dos romanos e gregos. Na Concordância de Strong, a palavra hebraica usada para 'fortaleza' pode ser escrita de várias maneiras: ma'owz ou mauwz ou mahoz ou mauz, sendo a mais conhecida 'mahoz', cujo plural é Mahuzzim ('fortalezas'). Ela tem vários significados: um lugar fortificado; uma defesa, força, fortaleza (como uma fortaleza militar, uma cidade fortemente fortificada adequada para uma grande guarnição), rocha, fortalecer, forte, fortaleza (um local que tenha sido fortificado de modo a protegê-lo contra ataques). Além de simbolizar a força da glória e do dinheiro de Roma, o 'deus das fortalezas' (Zeus, em grego, ou Júpiter, seu equivalente romano) pode ser chamado o deus das forças da natureza, pois para os gregos, Zeus, na mitologia grega, é o pai dos deuses e dos homens, e que exercia a autoridade sobre os demais deuses olímpicos. É o deus dos raios na mitologia grega, o rei dos deuses, o deus do céu, do trovão e relâmpago, o deus da lei, da ordem e da justiça. Na Síria, na Fenícia e em Canaã, Baal era considerado o Deus supremo, inclusive tendo poder sobre as forças da natureza e os fenômenos atmosféricos.
- Um deus que seus pais não conheceram, honrará com ouro, com prata, com pedras preciosas e coisas agradáveis = Júpiter (um deus que os ancestrais de Antíoco Epifânio da Síria não conheceram) seria adorado com ouro e prata, com pedras preciosas e com coisas agradáveis, porque, através disso, todos os homens o teriam em admiração por seu poder e riqueza.
- Com o auxílio de um deus estranho = os deuses greco-romanos que Antíoco IV Epifânio adotou, como o deus grego Zeus (Júpiter para os romanos), cuja estátua ele colocou em Jerusalém. Júpiter era filho de Saturno e Cibele, e conhecido como o deus romano do dia, comumente identificado com o deus grego Zeus. Também era chamado

de Jove (Jovis). Júpiter se casou com Juno, a filha preferida de Cibele. Seus filhos foram: Marte, Minerva e Vênus. Na mitologia romana, Marte é o pai de Rômulo e Remo os lendários fundadores de Roma.

- Agirá contra as poderosas fortalezas, ou seja, as muralhas de Jerusalém e as do templo. A palavra hebraica para ‘fortalezas’ continua sendo *ma'owz* ou *mauwz* ou *mahoz* ou *mauz*, com o mesmo significado: um lugar fortificado; uma defesa, força, fortaleza, rocha, fortalecer, forte. Entretanto, a expressão ‘as poderosas fortalezas’ pode ser entendida como: ‘fortalezas de munições’, uma fortificação, castelo ou cidade fortificada; figurativamente, um defensor, cercada por uma cerca, fortaleza. Da raiz primitiva = *batsar* = ser isolado (inatacável, ou seja, inacessíveis por altura ou fortificação), cortado, defesa ou cerca, fortificar, coisas poderosas, restringir, forte, parede erguida, reter. Neste versículo, a expressão ‘poderosas fortalezas’ se refere ao templo de Jerusalém e seus muros, pois no v. 31 ele é chamado de ‘o santuário de força’ ou ‘o santuário, a fortaleza nossa’. Lá, Antíoco colocou a estátua desse deus estranho (Júpiter do Olimpo).

- E aos que o reconhecerem (“Os violadores da Aliança” – Dn. 11: 32), multiplicar-lhes-á a honra, e fã-los-á reinar sobre muitos (talvez, até o sumo sacerdote e o governador de Judá); e lhes repartirá a terra por prêmio = Antíoco fará com que aqueles que ministram a este ídolo reinem sobre muitos, colocá-los-á em postos de poder e confiança, e eles dividirão a terra por preço, ou seja, receberão um ‘salário’ extra por adorarem o deus estranho; em outras palavras, ‘a glória e o dinheiro de Roma’, pois o dinheiro é uma força e um deus. Assim, as pessoas não fiéis a Deus (‘os violadores da aliança’) honrarão o deus das fortalezas com vastos tesouros dedicados a ele (ou ‘os deuses das fortalezas’: *Mahuzzim*).

Os atos de Antíoco IV Epifânio nos lembra também a destruição do templo por Tito em 70 DC.

E o versículo 36 (Dn 11: 36) também se refere ao Anticristo escatológico: “Este rei fará segundo a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo deus (cf. 2 Ts 2: 3-4); contra o Deus dos deuses falará coisas incríveis (cf. Ap 13:5-6; Dn 7:8; 25) e será próspero, até que se cumpra a indignação; porque aquilo que está determinado será feito”.

“Este rei” se refere a um governante que agirá segundo a sua própria vontade, um homem que chega ao poder, prospera, cresce em força e, então, investe contra o Deus de Israel e contra os Seus santos. Esse rei assume o papel de divindade:

- 2 Ts 2:3-4: “Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto [ele se refere à segunda vinda de Cristo] não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus”.

O Anticristo se opõe a Jesus e assume para si todo o poder no céu e na terra, fazendo suas novas leis no lugar das leis de Cristo, ensinando falsas doutrinas e exigindo a adoração de si mesmo, como mencionado por Daniel e João, blasfemando contra o próprio nome de Deus (Dn 7: 7-8; 24-25; Dn 11: 36; Ap 13: 5-6).

“A ponto de assentar-se no santuário de Deus” (2 Ts 2:4) – esse santuário citado por Paulo não se refere à reconstrução física do 3º templo de Jerusalém, como acreditam os cristãos Pré-milenistas dispensacionalistas e os judeus. Também não está se referindo ao templo de Jerusalém, que seria destruído por Tito em 70 DC. Mas se refere à igreja de Deus (Ap 11:1-2: ‘o santuário de Deus’ = a igreja verdadeira de Cristo), os crentes (1 Co 3:16; 1 Co 6:19; 2 Co 6:16), pois o Anticristo afrontará e tentará destruir a fé os próprios filhos de Deus (Dn 7:21; 25).

• Dn 11: 40-45: “No tempo do fim, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte arremeterá contra ele com carros, cavaleiros e com muitos navios, e entrará nas suas terras, e as inundará, e passará. Entrará também na terra gloriosa, e muitos sucumbirão, mas do seu poder escaparão estes: Edom, e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom. Estenderá a mão também contra as terras, e a terra do Egito não escapará. Apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata e de todas as coisas preciosas do Egito; os líbios e os etíopes o seguirão. Mas, pelos rumores do Oriente e do Norte, será perturbado e sairá com grande furor, para destruir e exterminar a muitos. Armará as suas tendas palacianas entre os mares contra o glorioso monte santo; mas chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra”.

Antíoco IV se envolveu na Sexta Guerra da Síria contra o Egito (170-168 AC) e seus reis (os irmãos Ptolomeu VI Filometor e Ptolomeu VIII Evérgeta II), conquistando a estratégica cidade de Pelúcio (no extremo nordeste do delta do Nilo). Os etíopes e os líbios o ajudaram. Ele tentou uma segunda expedição contra o Egito para tomar Alexandria em 168 AC, mas interrompida por intervenção de Roma, que enviou o cônsul Caio Popílio Lenas para essa cidade. Antíoco IV, que já havia tomado Chipre e Mênfis, voltou para Alexandria, mas se encontrou com o cônsul romano em Elêusis, nas cercanias da capital. Ali, Caio Popílio Lenas lhe deu um ultimato em nome do senado romano para que ele saísse imediatamente de Chipre e do Egito. Antíoco optou por obedecer.

Em 168-167 AC, na volta da guerra contra o Egito, Antíoco IV Epifânio conquistou Jerusalém que passou a ser permanentemente controlada por soldados. Ele estabeleceu seu pavilhão real (suas tendas) entre o Mar Mediterrâneo e o Mar Morto, em Israel, na cidade de Emaús, perto de Jerusalém. Dali ele deu todo o poder aos seus capitães para prosseguir a guerra contra os judeus com o maior rigor. Ele colocou sua tenda lá como se tivesse tomado a posse da gloriosa montanha sagrada. Ele não se importou com Edom, Moabe e Amom porque eles foram seus aliados, ajudando-o a invadir Israel.

A situação de romanização e helenização da Judéia gerou descontentamento entre os judeus fiéis como a família Hasmoneana, conhecida como Macabeus. Os Macabeus acabaram por expulsar as tropas de Antíoco IV de Jerusalém. A Revolta dos Macabeus durou de 167-160 AC. O rei selêucida chegou ao termo do seu reinado no ano 164 AC, com uma doença grave (Cogita-se que um câncer, uma doença ‘sem socorro’ – “e não haverá quem o socorra”), vindo a falecer em 162 AC.

• Dn 8: 14 escreve: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”. Ele estava se referindo ao tempo decorrido desde a profanação do templo por Antíoco IV Epifânio, rei Selêucida (por volta de 168-167 AC) até sua purificação por Judas Macabeu. A revolta dos Macabeus durou de 167 AC a 160 AC, ou seja, 2.300 dias, mais precisamente, 6 anos, 3 meses e 18 dias.

Parte 4 – Profecias de Daniel e Apocalipse

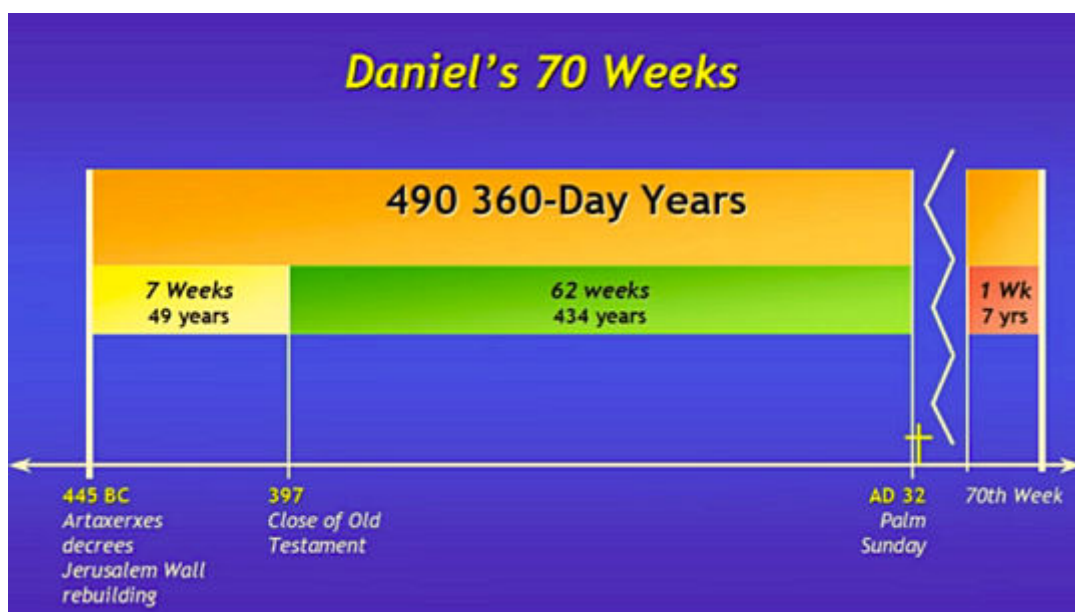
No capítulo 9, Daniel intercede por si e pelo povo, reconhecendo o seu pecado e, portanto, a causa do cativeiro de setenta anos. Aqui lhe é dada uma revelação através do anjo Gabriel (Dn 8: 16; Dn 9: 21) a respeito das setenta semanas que estavam determinadas sobre o povo de Israel (Dn 9: 24-25):

²⁴ Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos.

²⁵ Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos [NVI: Ela será reconstruída com ruas e muros, mas em tempos difíceis].

As setenta semanas representam um tempo (segundo alguns teólogos, os anos depois da construção dos muros de Jerusalém em 445 AC, mais o período de silêncio de Deus após o profeta Malaquias – 400 anos), até a morte e ascensão de Jesus Cristo, tendo os seis alvos divinos cumpridos com a Sua morte na cruz:

- Fazer cessar a transgressão (Dn 9:24).
- Dar fim aos pecados (Dn 9:24).
- Expiar a iniquidade (Dn 9:24).
- Trazer a justiça eterna (Dn 9:24).
- Selar a visão e a profecia (Dn 9:24 – em Jesus terminaram as profecias sobre a restauração messiânica sobre Israel).
- Ungir o Santo dos Santos (Dn 9:24).



Fonte: Vídeo do YouTube – The Bible: Daniel; by ProclaimHisWord

Na imagem acima (cf. Dn 9: 25) o anjo separa as sete semanas (quarenta e nove anos, que vai da construção de Jerusalém até o início do Período Intertestamentário), e os outros quatrocentos e trinta e quatro anos, ou seja, sessenta e duas semanas, até a morte e ascensão de Jesus. O espaço com a linha em ziguezague, em branco,

corresponde ao período entre a 1ª e a 2ª vinda de Cristo, o período da igreja, onde houve a destruição do templo por Tito em 70 DC. E a última semana (sete anos) no final da figura corresponde à Grande Tribulação e completará as setenta semanas (quatrocentos e noventa anos) descritas pelo profeta em Dn 9: 24. Portanto, essa visão não só diz respeito à primeira vinda de Cristo como também à Sua segunda vinda.

• Dn 9: 26-27 (ARA):

²⁶ Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas.

²⁷ Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele”.

“Será morto o Ungido” ou “o Ungido será morto” [NVI] – se refere à primeira vinda de Jesus e Sua morte.

“O povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário” ou “A cidade e o Lugar Santo serão destruídos pelo povo do governante que virá” [NVI] – se refere a Tito, que destruiu Jerusalém e o templo.

“E o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas” ou “O fim virá como uma inundação: guerras continuarão até o fim, e desolações foram decretadas” [NVI] – como num dilúvio de sangue derramado em guerra após guerra. Até os tempos do fim, Israel e Jerusalém sofrerão guerras, é o que quer dizer.

Versículo 26: Nós podemos dizer que isso ocorreu na Primeira Guerra Judaico-Romana (66-73 DC) contra o Império Romano. As legiões romanas sob o comando de Tito (Tito Flávio Vespasiano Augusto) sitiaram Jerusalém e destruíram o centro da resistência rebelde em 01 de agosto de 67 DC, culminando com a destruição do templo em algum momento de agosto de 70 DC, derrotando as restantes forças judaicas [3 ½ anos]. Nos últimos 3 ½ anos houve a destruição da Fortaleza de Massada em 16/04/73 DC, ocupada pelos sicários rebeldes no tempo da sua destruição pelos romanos.

O evangelho de Cristo foi pregado exclusivamente aos judeus até 33 DC, completando as sessenta e nove semanas de Daniel 9: 24-26, quando surgiram os primeiros mártires como Tiago e Estevão. Depois que Jerusalém foi destruída pelos romanos (Tito), o tempo de aliança de Deus com os Judeus foi consumado e teve início o tempo do reino de Deus para os gentios (Mt 21: 43; Lc 21: 24; Rm 11: 25). Assim, a aliança com Israel só será restaurada na segunda vinda de Cristo, quando através do arrependimento, eles começarem a clamar o nome de Jesus (Lc 13: 34-35; Mt 23: 39; At 1: 6-7; Rm 11: 26-27). “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. E em verdade vos digo que não mais me vereis até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!” (Lc 13: 34-35).

Muitos teólogos dizem que há um intervalo de tempo entre o v. 26 (que fala sobre a 1ª vinda de Jesus) e o v. 27 (que corresponde à 7ª semana das 70 mencionadas no v. 24). Esse intervalo corresponde ao período da igreja, entre a 1ª e a 2ª vinda de Cristo. “Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana” (Dn 9:27) significa o Anticristo (A besta que emerge do mar) e suas coligações com os dez reis (chifres) mencionados em Dn 7: 7-8; 20-21; 24-25 e Ap 17: 12.

Dn 9: 27

²⁷ Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele” (ARA).

²⁷ Com muitos ele fará uma aliança que durará uma semana. No meio da semana ele dará fim ao sacrifício e à oferta. E numa ala do templo será colocado o sacrilégio terrível, até que chegue sobre ele o fim que lhe está decretado (NIV).

No documento original em hebraico, de acordo com a nota de rodapé da NVI, está escrito: “E aquele que causa desolação virá sobre o pináculo do templo abominável, até que o final que está determinado seja derramado sobre a cidade assolada”.

Esse versículo fala claramente sobre o Anticristo escatológico: Ele exercerá a função de rei ou governante. Na 1ª metade da Grande Tribulação [3 ½ anos], o Anticristo se mostrará favorável, tentando unificar países e pacificar o mundo e prometerá solução para os problemas mundiais, mas na 2ª metade ele revelará seu verdadeiro caráter. Ele vai unir todas as nações sob o seu poder econômico, político e militar contra a verdadeira Igreja de Cristo, mas o Messias (Jesus) vai derrotá-lo.

Da mesma forma que Antíoco IV Epifânio instalou a estátua de Zeus no templo para ser adorado, Tito realizou algo semelhante. Alguns estudiosos relacionam a expressão “sobre a asa das abominações virá o assolador” ou “numa ala do templo será colocado o sacrilégio terrível” com as insígnias romanas (águias) trazidas à porta leste do templo, e águias (aves) sendo sacrificadas na muralha sul pelos seus soldados.

“Asa, ala, pináculo” – a palavra em hebraico é kanaph (כָּנָף). A palavra kanaph – Strong #3671 – tem vários significados como: capa, manto, asa ou asas, alado (pássaro), extremidade (de uma ave ou um exército), borda, canto (da veste ou de uma roupa de cama), camisa, bainha (de roupa) aba, ala, um pináculo, cobertura, proteção.

Em relação ao Anticristo escatológico, alguns Dispensacionalistas sugerem um ídolo colocado em uma ‘asa’ ou ‘ala’ do novo templo judaico (3º templo em Jerusalém) onde ele exigirá adoração, estabelecendo o culto a si mesmo. Mas nem Jesus, nem as cartas do NT e nem os profetas sugeriram a reconstrução do templo em Jerusalém (3º templo). No documento original em hebraico, de acordo com a nota de rodapé da NVI, está escrito: “E aquele que causa desolação virá sobre o pináculo do templo abominável, até que o final que está determinado seja derramado sobre a cidade assolada”, o que pode sugerir que o próprio Anticristo construirá um templo abominável onde ele possa ser adorado.

Jesus disse em Mt 24: 15: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda)”.

“Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar” ou “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo” ou ainda “Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação” – isso se refere ao fato de Tito entrar no Templo, profanando-o e sacrificando as águias na muralha sul, como Antíoco IV Epifânio fez no passado [erigiu um altar a Zeus no lugar do altar do Senhor (1 Macabeus 1: 54-59; 1 Macabeus 6: 7; 2 Macabeus 6: 1-5)]. No caso do Anticristo escatológico será alguma forma horrível de idolatria.

Anticristo ainda não é uma pessoa; é símbolo de um poder do mal contra tudo que simboliza Cristo (o Espírito de amor de Deus), e que nos dias de hoje se manifesta com um espírito contrário a Jesus, debaixo da atuação de Satanás e Principados e Potestades, usando o que está no mundo: a ciência, a tecnologia, o dinheiro, o conhecimento, a fama e governantes que exercem muita influência, e até a religião (líderes religiosos), levando grandes massas de pessoas ao engano, com novas doutrinas, falsos ensinamentos e falsas profecias; enfim, tudo que tenta mostrar que é mais forte do que o Deus verdadeiro e

que se ergue como um deus no espírito e na vida das pessoas, afastando-as da verdade e da simplicidade de Jesus.

João também chamou essa força anticristã de Babilônia, não apenas se referindo à antiga cidade da Caldéia ou a Roma, como também ao sistema mundial confuso, perverso e profano, antagônico ao Reino de Deus, usando não apenas a religião (a igreja apóstata, prostituída com as abominações mundanas, isto é, o sistema religioso do Anticristo, que se iniciou com o Romanismo no NT), mas igualmente os poderes seculares (como o sistema monetário mundial, o comércio e a política) para oprimir e tentar roubar a fé na palavra de Deus pregada por Jesus.

Os animais vistos por Daniel e João, especialmente o quarto animal de aparência terrível, se referiam a Roma que, mesmo tendo seu império desfeito, continuou a manter sua influência e que será restaurado nos últimos dias.

Parte 5 - A Grande Tribulação

Este tema dá continuidade ao estudo sobre as profecias de Daniel ao Apocalipse. As profecias de Jesus falam sobre o momento da Grande Tribulação e do arrebatamento.

— O povo de Deus ficará aqui na Grande Tribulação ou não?

— Sim! A Igreja de Cristo enfrentará a Grande Tribulação (Lc 21: 35). Mas Senhor não permitirá que o Seu povo seja afligido antes que tenham Seu selo na testa, para que possam estar preparados contra todos os conflitos – Ap 7: 3b; Ap 9: 4b; Ap 14: 1; Ap 22: 3b-4; cf. Ez 9: 4-6. O selo do Espírito será claramente visto igualmente por amigos e inimigos. Depois o Senhor virá para arrebatá-la (Mt 24: 29-31). Após o Arrebatamento, será o tempo dos flagelos para os que não se arrependeram de seus pecados e carregam a marca da Besta na testa e nas mãos (Ap 13: 8; 16). A Besta será derrotada por Jesus.

Deus sempre protegeu Seu povo das calamidades que Ele mesmo trouxe aos ímpios. Ele livrou os que eram de Ele da Sua ira, mas não os tirou do lugar onde estavam. Ele os deixou lá para verem Sua ação, Seu juízo e Sua justiça. O povo presenciou as pragas do Egito antes do êxodo, assistiu o juízo de Deus sobre a Babilônia antes de serem libertos de lá, mas não foram removidos por Ele antes que Sua obra fosse completada. O povo venceu o decreto de morte de Hamã sobre os judeus em Susã, na Pérsia, mas através da luta. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego não se curvaram à estátua erguida por Nabucodonosor, mas foram libertos da morte, por crerem em Deus e resistirem à opressão. Jesus disse: “Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou” (Jo 17: 15-16). Também nos ensinou a orar: “e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal” (Mt 6: 13). O Sl 30: 1-2 diz: “Eu te exaltarei, ó Senhor, porque tu me livraste e não permitiste que os meus inimigos se regozijassem contra mim. Senhor, meu Deus, clamei a ti por socorro, e tu me saraste”.

A Grande Tribulação será um período de dificuldades sem precedentes na segunda metade da semana descrita em Dn 9: 26-27; Dn 12: 1-2; Dn 12: 9-12; Ap 7: 14, envolvendo toda a Terra (Lc 21: 35; Ap 3: 10), tendo o seu ápice na Terra Santa (Israel – Ap 11: 1-2), onde o Anticristo (a Besta que emerge do mar) será conhecido em forma de um homem (na primeira metade da semana de Daniel, ou seja, na 1ª parte da Grande Tribulação, ele parecerá favorável a todos os povos), recebendo poder e autoridade diretamente de Satanás (Ap 13: 4-5) e exercendo um reinado cruel (na segunda metade, quando revelará seu verdadeiro caráter). Durante este período haverá uma grande atividade de demônios que terão permissão para atormentar os homens (Ap 9: 2-11), juntamente com os juízos de Deus (os flagelos) contra todos os que têm a marca da besta e não foram arrebatados. Assim, a Grande Tribulação será imediatamente seguida pelo retorno de Cristo (o Arrebatamento da igreja: Mt 24: 15-31; Mc 13: 1-27; Lc 21: 5-28; Lc 17: 20-36). A sétima trombeta mencionada em Ap 11: 15 é o momento do arrebatamento dos santos e o início dos juízos de Deus sobre os ímpios, ou seja, os flagelos, as taças da cólera de Deus).

• Ap 11: 13-14: “Naquela hora, houve grande terremoto, e ruiu a décima parte da cidade, e morreram, nesse terremoto, sete mil pessoas, ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas e deram glória ao Deus do céu. Passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai. A sétima trombeta”.

Esta cena fala da segunda vinda de Jesus (cf. 1 Ts 4: 16-17), do momento do arrebatamento, quando os santos sobem com o Senhor e os ímpios ficam amedrontados com o Seu juízo e com o que acontece com a natureza ao seu redor.

• Ap 11: 15: “O sétimo anjo tocou a trombeta (a 7ª trombeta), e houve no céu grandes vozes, dizendo: O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos”.

Agora chegou a glória do reino de Deus sobre tudo, por isso, os cânticos de louvor. Aqui, o poder de Cristo é visto na Sua plenitude. A 7ª trombeta não é apenas um evento, mas ela desemboca nos sete flagelos da ira total de Deus (Ap 15–16), por isso o desespero dos ímpios (Ap 11: 11; 13). Assim, a sétima trombeta anuncia o tempo do fim; o reino do mundo se tornou de Cristo.

• 1 Ts 4: 16-17: “Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor”.

• NVI: “Pois, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre”.

• Dn 12: 1-2: “Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro [a bíblia está se referindo ao Livro da Vida]. Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno”.

• Ap 7: 14: “Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro”.

• Ap 3: 10: “Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra”.

As profecias de Jesus

• Mt 24: 1-31:

1 Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo.

2 Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada.

3 No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século.

4 E ele lhes respondeu: Vede que ninguém vos engane.

5 Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos.

6 E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, **mas ainda não é o fim.**

7 Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares;

8 porém tudo isto é o princípio das dores.

9 Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome.

10 Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros;

11 levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos.

12 E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos.

13 Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.

14 E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. **Então, virá o fim.**

15 Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda),

16 então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes;

17 quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa;

18 e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa.

19 Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias!

20 Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado;

21 porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais.

22 Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, **por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados.**

23 Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis;

24 porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios **para enganar, se possível, os próprios eleitos.**

25 Vede que vo-lo tenho predito.

26 Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis.

27 Porque, **assim como o relâmpago** sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim **há de ser a vinda do Filho do Homem.**

28 Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres.

29 Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados.

30 Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e **verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória.**

31 E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais **reunirão os seus escolhidos**, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus.

• Mc 13: 1-27:

1 Ao sair Jesus do templo, disse-lhe um de seus discípulos: Mestre! Que pedras, que construções!

2 Mas Jesus lhe disse: Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada.

3 No monte das Oliveiras, defronte do templo, achava-se Jesus assentado, quando Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular:

4 Dize-nos quando sucederão estas coisas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para cumprir-se.

5 Então, Jesus passou a dizer-lhes: Vede que ninguém vos engane.

6 Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu; e enganarão a muitos.

7 Quando, porém, ouvirdes falar de guerras e rumores de guerras, não vos assusteis; é necessário assim acontecer, **mas ainda não é o fim.**

8 Porque se levantará nação contra nação, e reino, contra reino. Haverá terremotos em vários lugares e também fomes. Estas coisas são o princípio das dores.

9 Estai vós de sobreaviso, porque vos entregarão aos tribunais e às sinagogas; sereis açoitados, e vos farão comparecer à presença de governadores e reis, por minha causa, para lhes servir de testemunho.

10 Mas é necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações.

11 Quando, pois, vos levarem e vos entregarem, não vos preocupeis com o que haveis de dizer, mas o que vos for concedido naquela hora, isso falai; porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo.

12 Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão.

13 Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo.

14 Quando, pois, virdes **o abominável da desolação situado onde não deve estar** (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes;

15 quem estiver em cima, no eirado, não desça nem entre para tirar da sua casa alguma coisa;

16 e o que estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa.

17 Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias!

18 Orai para que isso não suceda no inverno.

19 **Porque aqueles dias serão de tamanha tribulação** como nunca houve desde o princípio do mundo, que Deus criou, até agora e nunca jamais haverá.

20 Não tivesse o Senhor abreviado aqueles dias, e ninguém se salvaria; mas, por causa dos eleitos que ele escolheu, abreviou tais dias.

21 Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis;

22 pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, **operando sinais e prodígios**, para enganar, se possível, os próprios eleitos.

23 Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito.

24 Mas, naqueles dias, **após a referida tribulação**, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade,

25 as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados.

26 **Então, verá o Filho do Homem vir nas nuvens**, com grande poder e glória.

27 **E ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos** dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu.

• Lc 21: 5-36:

5 Falavam alguns a respeito do templo, como estava ornado de belas pedras e de dádivas;

6 então, disse Jesus: Vedes estas coisas? Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada.

7 Perguntaram-lhe: Mestre, quando sucederá isto? E que sinal haverá de quando estas coisas estiverem para se cumprir?

8 Respondeu ele: Vede que não sejais enganados; porque muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu! E também: Chegou a hora! Não os sigais.

9 Quando ouvirdes falar de **guerras e revoluções**, não vos assusteis; pois é necessário que primeiro aconteçam estas coisas, **mas o fim não será logo.**

10 Então, lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino, contra reino;

11 **haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, coisas espantosas e também grandes sinais do céu.**

12 Antes, porém, de todas estas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome;

13 e isto vos acontecerá **para que deis testemunho.**

14 Assentai, pois, em vosso coração de não vos preocupardes com o que haveis de responder;

15 porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir, nem contradizer todos quantos se vos opuserem.

16 E sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós.

17 De todos sereis odiados por causa do meu nome.

18 Contudo, não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça.

19 É na vossa perseverança que ganhareis a vossa alma.

20 Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação.

21 Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela.

22 Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito.

23 Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque **haverá grande aflição na terra e ira contra este povo.**

24 Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, **até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles** (cf. Mt 21: 43; Rm 11: 25; Ap 11: 2).

25 Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas;

26 haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das **coisas que sobrevirão ao mundo**; pois os poderes dos céus serão abalados.

27 Então, **se verá o Filho do Homem** vindo numa nuvem, com poder e grande glória.

28 Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei a vossa cabeça; **porque a vossa redenção se aproxima.**

29 Ainda lhes propôs uma parábola, dizendo: Vede a figueira e todas as árvores.

30 Quando começam a brotar, vendo-o, sabeis, por vós mesmos, que o verão está próximo.

31 Assim também, quando virdes acontecerem estas coisas, sabeis que está próximo o reino de Deus.

32 Em verdade vos digo que não passará esta geração, sem que tudo isso aconteça.

33 Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.

34 Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as conseqüências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço.

35 Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra.

36 Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do Homem.

Comentários importantes sobre as três passagens acima

1) Há passagens que servem para todas as eras do cristianismo entre a 1ª e a 2ª vinda de Jesus, pois sempre houve guerras, perseguições aos Seus seguidores, fomes, epidemias e eventos da natureza, mas sabemos que isso irá se intensificar à medida que o fim se aproxima: Mt 24: 1-14; Mc 13: 1-13; Lc 21: 5-19.

2) Nos versículos de Mt 24: 15-21, Mc 13: 14-19 e Lc 21: 20-24, Jesus fala sobre a destruição de Jerusalém por Tito, e o interessante é que Lc 21: 22 diz: “Porque estes

dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito”. Isso não foi um acaso, e sim uma consequência do pecado e incredulidade dos judeus e uma rejeição evidente a Jesus como o Messias e o Filho de Deus. Ele já os tinha avisado sobre essa punição de Deus:

- Lc 13: 34-35: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. E em verdade vos digo que não mais me vereis até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!”

- Lc 19: 41-44: “Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou e dizia: Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos. Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco; e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste a oportunidade da tua visita”.

“Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar” ou “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo” ou ainda “Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação” – isso se refere ao fato de Tito entrar no Templo, profanando-o, como Antíoco IV Epifânio fez no passado.

Os judeus que tiveram chance fugiram para os montes ou para Pela, na região de Decápolis, ou em direção ao Mediterrâneo, e conseguiram se livrar do massacre romano. A entrada na cidade também era perigosa para os que estavam fora (“os que estiverem nos campos, não entrem nela”; “e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa”). Por isso, Jesus já os estava alertando para não se preocuparem com coisas triviais (“quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa”), pois deveriam sair à pressas. As grávidas e lactantes teriam dificuldade de fugir ou se defender, pois a violência dos romanos não poupava seus bebês recém-nascidos ou ainda no ventre. E isso estava debaixo do controle de Deus pela rebeldia e coração endurecido diante da chance de salvação que Ele tinha lhes dado através de Jesus (“Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito... Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo”). Isso nos faz refletir sobre o que Deus sente em relação às atitudes de idolatria, rebeldia e rejeição de uma pessoa a Jesus Cristo e sobre a força da Sua ira sobre o mal em todas as épocas da humanidade, ainda mais nos últimos dias!

Realmente, foi um dos grandes desastres na história judaica, lembrados até hoje (“porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais”; “Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações, ou seja, a Diáspora”). Não se sabe que dia da semana foi o início do cerco da cidade ou a destruição maior. O que se sabe é que era época de Páscoa quando o cerco começou, por volta de 14 de Abril e durou até 8 de Setembro de 70 DC – 4 meses, 3 semanas e 4 dias; em 01 de agosto de 67 DC eles destruíram o centro da resistência rebelde em Jerusalém, culminando com a destruição do templo em algum momento de agosto de 70 DC (alguns rabinos que foi um pouco mais cedo). O Palácio de Herodes caiu em 7 de setembro e a cidade ficou completamente sob controle romano em 8 de setembro. Segundo Flávio Josefo [‘A Guerra dos Judeus’ livro IV, capítulos 1 a 4] era o décimo sétimo de Tamuz (Junho-Julho), quando a primeira brecha foi feita na muralha pelos romanos, e três semanas depois, no dia 9 de Av ou ’Abh (Julho-Agosto), seu exército conseguiu penetrar no Templo, saqueá-lo e destruí-lo. Por isso, temos certeza que não ocorreu no inverno, como mencionado por Jesus (“Orai para

que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado”), mas não se sabe se foi no Shabbat. E por fim, Ele acrescenta em Lc 21: 24: “até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles” (cf. Mt 21: 43; Rm 11: 25; Ap 11: 2).

3) No último grupo, Jesus fala sobre o período da Grande Tribulação: Mt 24: 22-31; Mc 13: 20-27 e Lc 21: 25-36. Mais do que isso, Ele diz que tudo vai ser inesperado (Mt 24: 27): “Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem. Só Deus conhece a data correta para todos os eventos. De que adiantaria se ímpios soubessem a data e se preparassem? Mas Seus filhos saberão quando o tempo se aproxima:

- Dn 12: 10: “Muitos serão purificados, embranquecidos e provados; mas os perversos procederão perversamente, e nenhum deles entenderá, mas os sábios entenderão”.

4) “Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar” ou “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo” ou ainda “Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabei que está próxima a sua devastação” – isso se refere ao fato de Tito entrar no Templo, profanando-o e sacrificando as águias na muralha sul, como Antíoco IV Epifânio fez no passado [erigiu um altar a Zeus no lugar do altar do Senhor (1 Macabeus 1: 54-59; 1 Macabeus 6: 7; 2 Macabeus 6: 1-5)]. No caso do Anticristo escatológico será alguma forma horrível de idolatria.

O abominável da desolação (Mt 24: 15), que se traduz “a coisa abominável que causa espanto (ou horror)”, em grego é *bdelugma tes eremōseōs* (Strong #946, *βδέλυγμα*, uma coisa abominável, uma coisa amaldiçoada; e *ἐρήμωσις*, *erémōsis*, Strong #2050, desolação, devastação).

O versículo que mais sustenta a fé do cristão é: “Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei a vossa cabeça; porque a vossa redenção se aproxima” (Lc 21: 28).

“Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras” (Ap 21: 1-5).